



European Nazarene  
Bible College  
Library

*O ARAUTO*  
*da SANTIDADE*

JULHO, 1991



# MUDANÇA

Há duas palavras que se escutam ocasionalmente nos círculos da igreja. Quando as ouço articular no nosso ambiente fico preocupado. As duas palavras são *conservador* e *liberal*. Mais que provável, elas serão ditas por quem se considera conservador. É interessante que eu ainda esteja por ouvir alguém dizer que é um liberal e não um conservador.

Tenho procurado compreender o uso destes dois termos no nosso contexto. Fui obrigado a concluir que as duas palavras têm muitos significados. Não há dúvida que isto é verdade em sentido político. Aquele que antes considerávamos liberal pode ser agora conservador e vice-versa. O que é conservador na América pode ser tido como liberal noutros países.

Nas nossas fileiras esses termos têm tido diversas aplicações através dos anos. Além disso existem diferenças geográficas na forma como são usados. Tudo isto me diz que provavelmente continuará a ser sempre assim. Nem eu sou tão simplório para crer que um pequeno artigo como este irá modificar o padrão.

No entanto, estou preocupado

## DE VOCABULÁRIO

—JERALD D. JOHNSON  
Superintendente Geral

# O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XX—Número 7

Julho, 1991

## NESTE NÚMERO

MUDANÇA DE VOCABULÁRIO .....	2
<i>Jerald D. Johnson, Super. Geral</i>	
JESUS ENTERROU A MORTE .....	4
<i>Jorge de Barros</i>	
PREDIÇÕES FALSAS .....	6
<i>Ralph A. Mickel</i>	
QUE ACONTECERÁ AMANHÃ? .....	7
<i>C. Neil Strait</i>	
O CRISTO QUE EU CONFESSO .....	8
<i>Albert J. Lown</i>	
QUE SIGNIFICA A MORTE PARA AS CRIANÇAS? .....	10
<i>Earl E. Vastbinder</i>	
CONSEQUÊNCIAS ETERNAS .....	12
<i>R. DeLong</i>	
RELIGIÃO ULTRAPASSADA? .....	13
<i>Acácio Pereira</i>	
UMA ABERTURA NAS NUVENS .....	14
<i>Susan Bunker</i>	
A QUEM PERTENCE ESTA DOCTRINA? .....	16
<i>Josué H. Dornellas</i>	
PREPAREMO-NOS PARA A MORTE .....	18
<i>Fletcher Spruce</i>	
COMPANHEIRISMO ESPIRITUAL.....	18
<i>Rebeca Laird</i>	
SNMM — ONTEM, HOJE, AMANHÃ (P. M.).....	20
<i>Louise R. Chapman</i>	
O JOVEM E O FUTURO .....	22
<i>Agostinho Soares</i>	
EM TEMPOS DE AFLIÇÃO (P. Devocional) .....	23
TRIBUTO .....	24
<i>Fernando de Sá Nogueira</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS .....	25
IGREJA DO NAZARENO MINISTRA AO POVO EM 95 ÁREAS MUNDIAIS.....	26
O CAMPO É O MUNDO .....	27

FOTOS: Capa—J.B.; p.2—I. Abundis; p.6—TWA; p.10—E. Carlin; p.11—H. Lambert; p.12—Providence Lithography; p.14—D. Spaulding; p.17—D. Zigenfuss; p.22—J. Pinneo;

BENNETT DUDNEY, Director Geral  
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

ACÁCIO PEREIRA, Redactor  
ROLAND MILLER, Artista

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, EUA. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, EUA. Direitos reservados (1991) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, EUA.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1991) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, USA.

porque existe o perigo de criarmos uma elite espiritual que pode atingir o farisaísmo. Isto causaria divisão porque traria polarização nos crentes. Tem acontecido noutras denominações e precisamos reconhecer que também nos pode suceder a nós. Que tragédia seria!

Existe outro lado do problema. Se há aqueles que negligenciam os padrões éticos tradicionais estabelecidos pela igreja e confirmados pela Assembleia Geral, eles são tão culpados por criar um ambiente propício a possível polarização como o são os que se identificam como conservadores.

Esforcemo-nos por que isto não nos aconteça. Procuremos antes caminhar para um estilo de vida situado no meio da estrada, conhecido como o caminho da santidade onde não há receio de nos desviarmos para a direita ou para a esquerda. Talvez uma identificação que se poderia aplicar a todos nós seria a de "lealistas". Ao pensar nisso, imagino que no céu dificilmente existiriam facções que causam divisão nos seus habitantes. É impossível conceber tal coisa. Mas sabemos que a Cidade de Deus está cheia de "lealistas". No Apocalipse João esclarece: "O Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, eleitos e fiéis" (17:14).

A base deste raciocínio é um apelo a todos para que fujam de extremos que dividem. Não sejamos daqueles que escarnecem de quem discorda conosco, antes deixemos que os adversários gravitem para o meio. O resultado garantirá um testemunho vivo e uma voz forte a favor da santidade cristã, eficaz na sua mensagem e fortalecida por um estilo de vida consistente que se identifica por seus padrões elevados e santos. □

# JESUS A ENTERROU A

Aconteceu outra vez. Cada 31 de Outubro eles se reúnem a portas fechadas. Silêncio e luz abafada.

Concentram-se esperando, finalmente, ouvir a revelação do morto. Acreditam os amigos de Harry Houdini que, fiel à sua promessa, o mágico que empolgou tantas audiências se revelará para opinar acerca da morte. Têm-no esperado desde 1926, data em que morreu de apendicite. Talvez continuem a fazê-lo por muitos mais anos.

Há em todos nós profunda curiosidade respeitante à morte. O trabalho em hospitais expôs-me a muitas: desde crianças recém-nascidas a jovens vitimados por drogas e acidentes de viação, assim como velhos abatidos por ataques cardíacos. A frequência, porém, não suaviza o desconforto deixado pelos últimos momentos e a frieza rígida que cedo invade o corpo.

Por algum tempo anotei os termos usados por médicos para anunciar a morte. De minha lista fazem parte *partiu, foi-se, é isso!, é tudo!, nada mais a fazer-se, cubram-no, avisem a família, vamo-nos embora, tentámos tudo, não há resposta*. Dois dos médicos usaram, na sua frustração, expletivos impúblicáveis. Um outro dava sempre as costas e abandonava o quarto sem uma palavra.

O tom de voz cai e os passos se arrastam nos momentos seguintes à morte. Um ar de solenidade permeia até os gestos banais: a enfermeira que recolhe instrumentos e frascos de remédio, os auxiliares que empurram a aparelhagem cujos cabos agora desligados da parede serpenteiam pelo chão como veias drenadas.

Que aconteceu à pessoa cujo corpo deserto aguarda o ritual do enterro? O apóstolo Paulo respondeu a esta pergunta que também perturbava os fiéis da igreja de seu tempo: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele" (I Tessalonicenses 4:13-14).

Surpreende a naturalidade com que Paulo se refere à morte do cristão e lhe remove o tom final presente no conceito generalizado. Contrariamente ao que um literato possa opinar, o uso no texto da expressão *dormem* não é exemplo de eufemismo.

Paulo não tem aversão ao uso da palavra morte, como sobejamente exemplificam seus escritos.



# MORTE

Entretanto, ele apura o vocabulário sempre que se refere à cessação da vida física do crente. Para o Apóstolo "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23). Como atribuir pois esse salário hediondo a alguém que já foi "libertado do pecado" (Romanos 6:18,22)? Mesmo se argumentarmos aqui que há a considerar-se no escrito paulino "a outra morte", uma não física mas espiritual e eterna consequente da impenitência, a opção do escritor pela palavra "dormem" reflecte o seu cuidado de não confundir os dois estados.

Nascido e criado numa cultura alatinada, surpreendeu-me o primeiro enterro evangélico assistido nos Estados Unidos da América. Várias senhoras trajavam-se de vermelho e não poucos homens traziam gravatas de colorido vibrante. Se é certo que a cor do luto varia do branco ao preto consoante a latitude e a cultura, aqui um arco-íris de tons proclamava desprendimento quase total desse protocolo de cores a assinalar a dor ou a saudade. Longe de mim registar nesta página um comentário sócio-cultural ou adiantar a preferência por cores mais "sóbrias" em qualquer enterro. O ponto é que o evangelho de Cristo expargiu nova luz sobre o mistério da morte. Temos sido bombardeados ultimamente por artigos e livros com descrições vívidas de pessoas que "foram e voltaram", isto é, clinicamente mortas, regressaram à vida. Mencionam quase todas elas um túnel, uma luz forte, um ambiente aprazível, uma presença terna e envolvente. Os que passaram pela experiência confessam hoje que já não temem a morte, embora nenhum deles se mostre inclinado a acelerá-la.

Paulo viveu esse dilema: "... de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo necessário, por amor de vós, ficar na carne" (Filipenses 1:23,24). Há e devem existir fortes afeições ou motivos que nos prendam à vida. Lembro-me dum amigo com quem fui a uma exposição internacional. O evento realizava-se num complexo do tamanho de vários campos de futebol. Mal entramos, ele olhou em redor e, relutante em andar por alas tão longas e apinhadas, declarou: "Já vi tudo. Vamo-nos embora!" Ainda não vimos tudo aqui na terra. Há pessoas a conhecer, belezas a contemplar, montanhas a escalar, vales a explorar, livros a ler, música a escutar, trabalho a fazer, lições a

aprender, mistérios a desvendar, causas a defender, contributos a oferecer, ofensas a reparar, amigos a abraçar, sofredores a consolar, pecadores a remir. Vivemos numa esfera fascinante da qual muito pouco ainda sabemos. Quando nos munimos de microscópios e de telescópios ainda mais empolgam o infinitamente pequeno e o inconcebivelmente distante. Mesmo quando nos voltamos para nós próprios, invade-nos o assombro de como fomos criados: "Eu te louvarei, porque de um modo terrível e tão maravilhoso fui formado" (Salmo 139:14). Da pele que nos cobre com seu complexo sistema de defesa e refrigeração ao gene que define traços hereditários, cada pessoa na rua é mais complexa que a soma de todas as máquinas jamais fabricadas.

Não temos de pedir desculpas por estarmos vivos. Gostamos de estar vivos. O Deus que nos preparou morada eterna não nos deixou à deriva numa jangada em mar picado e cercada por tubarões. As suas misericórdias são novas cada manhã. Grande é a Sua fidelidade (Lamentações 3:22,23). Eu não daria tanto crédito à habilidade de Deus em preparar um céu esplendoroso se Lhe negasse o poder de prover uma vida terrena decente. O salmista Davi testemunhou: "Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão (Salmo 37:25). Nenhum de nós desejaria ser encurralado rumo ao céu só porque faliram os recursos da terra e o inferno é uma opção escaldante, mas porque temos o desejo de estar com Cristo:

*Sonhei com a linda Cidade  
que o divo amor criou*

.....  
*Sacerdotes, apóstolos, santos,  
Milhões que a fé ergueu!  
Mas eu disse: Deixai-me ver Cristo,  
Aquele que por mim morreu!*

Não tenho de esperar pela opinião de Houdini ou de qualquer outro defunto para definir uma teologia da morte. Satisfaz-me a evangélica. Cristo deu mais vida à vida e neutralizou o agulhão da morte (I Coríntios 15:54-57). Tenho saudades e sinto o vácuo deixado, mas não lastimo o cristão que "dormiu" envolto na sua fé. □ —JORGE BARROS

A causa de Cristo e a esperança do Seu regresso  
têm sido prejudicadas por

## PREDIÇÕES FALSAS

A cena foi a reportagem da rede de televisão sobre o "Dia do Juízo" quando os planetas se alinharam em 1982. Muitos tinham marcado o evento como o dia do regresso de Cristo ou do fim do mundo. O comentarista fez um gracejo a respeito. Então as câmaras mostraram pessoas que bebiam e dançavam, troçando desse "Dia do Juízo".

Visto que tal alinhamento dos planetas ocorre cada 179 anos e nada de realmente significativo acontece, é exercício fútil pregadores e até mesmo cientistas se apegarem a isto para fazer falsas predições.

Entretanto, apesar do erro, alguns disseram que o Senhor viria em 1986 porque o Cometa Halley estaria passando por nosso sistema solar. Isto também ocorre uma vez em cada 76 anos e neste caso também nada de sobrenatural sucede. Então, porque aconteceria qualquer coisa agora?

Outros estão fixando o ano de 1999 como o do fim total das coisas ou o princípio da paz mundial, porque Nostradamus, nos anos 50, e a astróloga Jeanne Dixon, nos dias de hoje, fizeram predições a respeito. Estas mesmas pessoas profetizaram já coisas que nunca aconteceram. Será então sábio não depender delas agora, especialmente porque estão fixando uma data.

Jesus disse: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mateus 24:36). Mas as pessoas que insistem em fixar datas argumentam que Jesus não disse que não poderíamos saber a semana, ou mês, ou ano, simplesmente não saberíamos o dia ou a hora. Em contradição a isso Jesus disse: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade" (Atos 1:7).

Provavelmente nada tem causado mais dano à crença da segunda vinda de Cristo do que esta fixação de datas. Entretanto, apesar do aviso de Jesus contra isto, cristãos confessos têm estado a fixar

datas desde o segundo século. Montanus, presbítero em Frígia, pregou o regresso premilenial de Cristo. Entre os seus seguidores estavam "profetas" que clamavam que o Espírito Santo lhes tinha revelado os eventos vindouros. Então Montanus disse que Jesus viria e fixaria Seu reino milenial, fazendo duma pequena cidade na Frígia denominada Pepuza o trono de Seu governo. Esta fixação de data vibrou um golpe profundo à doutrina do regresso de nosso Senhor.

Em 999 A.D., a Europa fervilhou com o ensino premilenial de que Jesus logo viria para fixar Seu reinado de mil anos, a partir do ano 1000. Alguns ensinaram que haveria apenas mil anos entre a primeira e a segunda vinda de Cristo.

Robert Baxter e Edward Irving, com seus "profetas" na Inglaterra, fixaram 14 de Janeiro de 1832 como o dia do arrebatamento da Igreja. Visto que seus seguidores tinham todos os "dons do Espírito", o povo cria que se podia depender desta revelação do regresso do Senhor. Mas, novamente, foi uma predição falsa, detrimental àquela Abençoada Esperança.

William Miller de Low Hampton, N.Y., persuadiu milhares de que 22 de Outubro de 1844 seria a data da segunda vinda de Cristo. Seus seguidores venderam ou doaram propriedades; vários

sacrificaram seu gado nas chamadas "festas de amor" para os pobres. Na cidade de Nova York tantos se ajoelharam nas ruas para orar que o trânsito foi interrompido por horas. Em Boston, eles se vestiram de túnicas brancas e se congregaram em elevações para esperar a vinda do Salvador. Como resultado de tudo isto, uma geração inteira zombou da Segunda Vinda.

Na década de 1930, as pessoas novamente se excitaram com a vinda próxima do Senhor. Muitos e diferentes grupos fixaram 16 de Setembro de 1936 como o grande dia. Charles Taze Russel escreveu um livro, *Milhões Vivos Agora Jamais Morrerão*. Depois de fixar o ano de 1914 como sua primeira data, ele finalmente indicou o dia 16 de Setembro de 1936. Mesmo médiuns espíritas, sacerdotes budistas, astrólogos e místicos do Oriente entraram na jogada, fixando o dia 16 de Setembro de 1936 como a data do fim do mundo. Outros, baseando suas previsões nas medidas da Grande Pirâmide do Egito, também fixaram esta data. Eles proclamaram que a pirâmide era o "Sustentáculo de Testemunho", citado em Isaías 19:19-20, e que ela dava pelas suas medidas "o futuro profético do homem". Como resultado destas muitas falsas previsões, livros, sermões e estudos sobre profecia se tornaram muito populares por várias décadas.

A mesma reação pode ocorrer como resultado da fixação atual de datas e especulações sobre o regresso de Cristo! Disso resultará que pessoas ignorem os sinais de aviso do julgamento do mundo e continuem imersas em pecado.

O mais próximo que Jesus chegou de dizer que certos sinais apontavam para a Sua vinda, no que concernia à igreja, foi o seguinte: "Assim também vós: quando virdes todas estas cousas, sabeis que está próximo, às portas." (Mateus 24:33). "Ora, ao começarem estas cousas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima." (Lucas 21:28). "Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo." (Marcos 13:33). Sua volta é iminente poderá ocorrer a qualquer hora. É incerta não sabemos quando chegará a hora. Então, Jesus nos avisa com estas palavras: "Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá." (Mateus 24:44). Devemos viver como viveríamos se soubéssemos que Ele não viria por centenas de anos, e também, como viveríamos se tivéssemos certeza de que Ele viria daqui a cinco minutos. Não estamos esperando a chegada do Anticristo, ou do período de tribulação, ou de Armagedom, mas sim que Jesus venha para nos buscar (1 Tessalonicenses 4:13-18). Quando isto será, nenhum homem sabe. Nossa responsabilidade é estarmos preparados, qualquer que seja a hora. □

—RALPH A. MICKEL

## QUE ACONTECERÁ AMANHÃ?

—C. NEIL STRAIT

*Os Palhaços de Deus* é uma novela que inspira desespero. Revela-se pessimista acerca do futuro do mundo. Uma das personagens, Catarina, diz ao pai: "Tenho medo".

"De quê?", pergunta o pai.

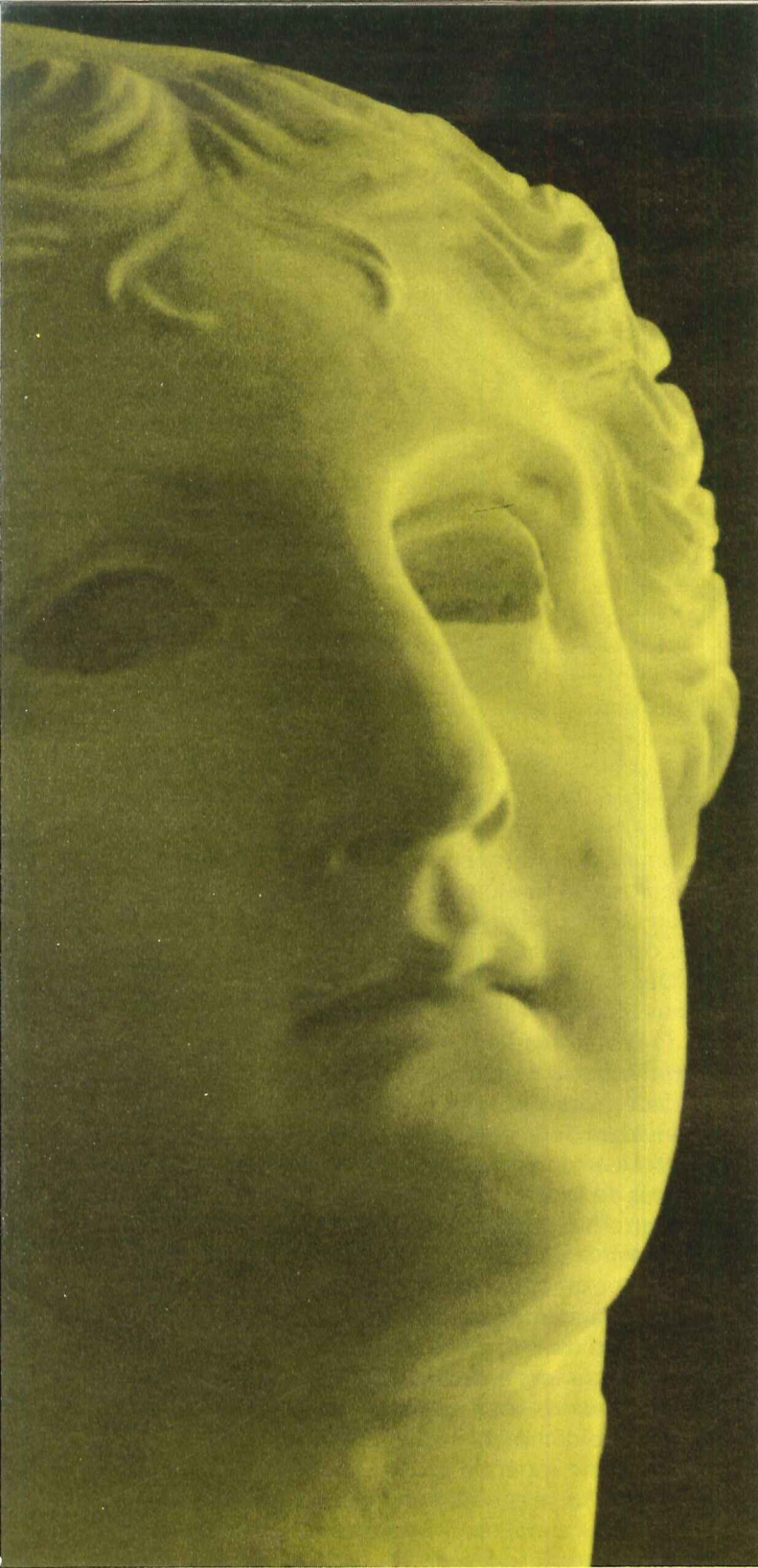
"Da eternidade... exactamente disso." Depois ela continua a descrever os aspectos diários da vida, como lhe parecem desanimadores e inúteis quando faltam portas de esperança. A sua última desculpa é: "O pai deu-me tudo menos o amanhã".

O cristão não tem o problema do desespero e temor do futuro. Há antecipação para o seguidor de Cristo que o tempo vindouro de Deus será revelado, haverá alegrias a desfrutar no céu e boas experiências à nossa espera. Pois é Deus que está a preparar o amanhã para os Seus filhos.

O cristão também não teme a eternidade. Confia que o Senhor está a preparar uma cidade maravilhosa para a qual Ele qualquer dia convidará Seus seguidores. Essa confiança e certeza acalmam tempestades e dão paz em noites de incerteza.

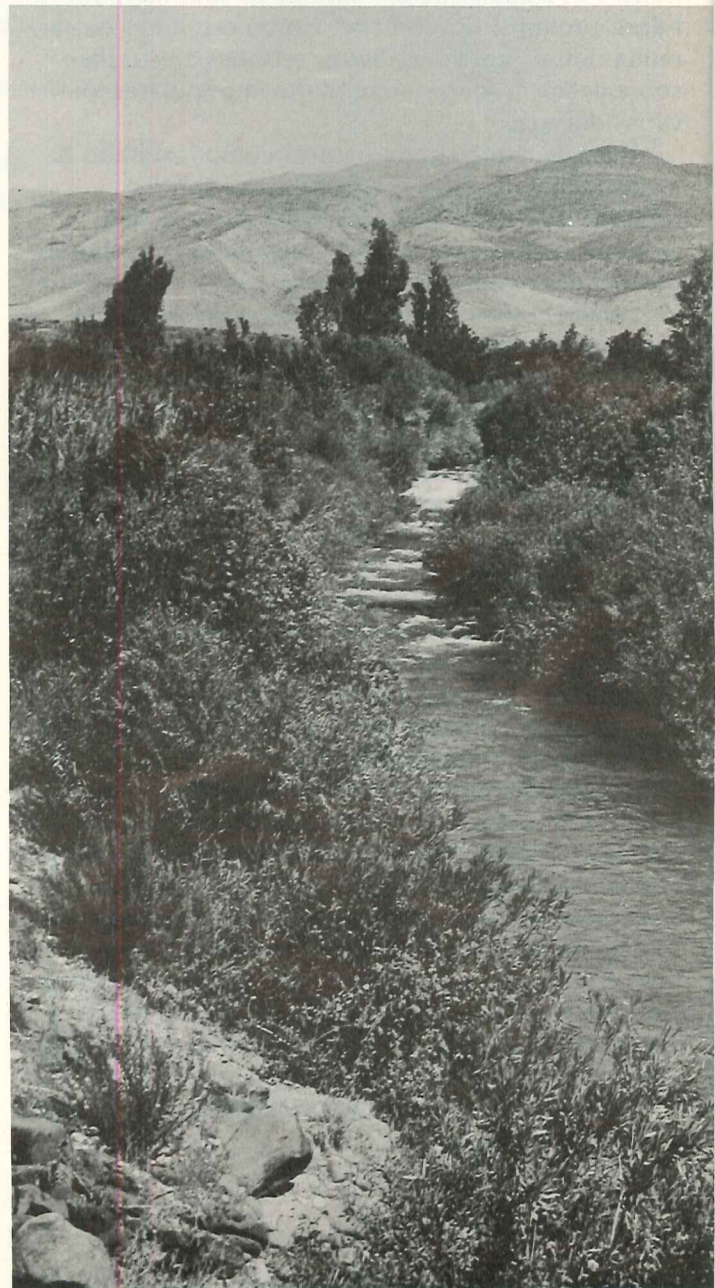
Certo homem de negócios disse ao seu pastor: "O senhor falou no último domingo sobre a esperança. Desejo ouvir mais. Vivo toda a semana atemorizado e desesperado. Necessito mais esperança na minha vida". E é o cristão que tem a nota alegre da esperança para abafar os sons de desânimo e temor. Enquanto completa a sua peregrinação neste mundo, ele espera o grande final do Pai, em que a ressurreição fechará para sempre os livros de tristeza e mágoa, morte e sofrimento, temor e desespero.

A Segunda Vinda de Cristo é a maior e a única esperança do homem. O verdadeiro cristão trabalha tendo esta viva esperança no coração. Uma esperança baseada em Deus, confirmada por Sua Palavra e comprovada pela primeira Ressurreição. □



O tempo e o local podem ser de imenso valor quando fazemos perguntas importantes. Tradicionalmente, uma proposta de casamento deveria ser feita em local com iluminação romântica e música suave; e um pedido de empréstimo, no momento e disposição mais favoráveis. O maior desafio que um cristão poderia encarar—"Amas-me mais do que a estes?" foi adiado até depois duma refeição perfeita que satisfizesse a Pedro e seus amigos. Similarmente, a pergunta crucial na revelação de Jesus a Seus discípulos—"Mas vós, quem dizeis que Eu sou?"—só foi pronunciada quando o Mestre e Seus homens alcançaram o Monte Hermon, com o seu cume coberto de neve face à cordilheira do Líbano.

As cidades populosas da Galileia estavam a dias de viagem e o penhasco escuro e vermelho de onde o Jordão emergia como um riacho de 75 centímetros de largura ficava próximo. Acima do rochedo estava o famoso santuário edificado ao deus da natureza,



## O CRISTO QUE EU CONFESSO

—ALBERT J. LOWN



Pan, e a estátua de César Augusto, de onde a Cesareia de Filipe orgulhosamente tirou seu nome. Naquela atmosfera de adoração aos deuses da natureza e do império, num cenário perfeito quanto a privacidade e intimidade, Jesus fez a pergunta que significava tanto para Ele e Seus discípulos, bem como para o futuro de Sua Igreja e do mundo.

A pergunta crucial foi introduzida de maneira simples e sociável, apoiada às opiniões do homem da rua: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?" As respostas mostram o quanto Jesus tinha impressionado seus contemporâneos como um homem de destino, pois os nomes mencionados tinham uma coisa em comum—cada um deles fora profeta cuja vida findara em circunstâncias extraordinárias. A crença da época dizia que João Batista tinha ressuscitado dentre os mortos. Elias ressuscitara e escapara à morte. Jeremias, grande como patriota e profeta, dera sua vida pelo restante do povo de Deus. As respostas foram

surpreendentes e louváveis, mas não tinham a convicção e o compromisso diretos, ardentes e esclarecedores que Jesus quis obter com Sua pergunta chave. A resposta esperada veio dos lábios de Pedro, a resposta que somente a fé pode proporcionar: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo".

Sobre esta confissão—não o homem que a fez mas o homem medido pela sua fé—Jesus baseou o fundamento de Sua Igreja. Esta só pode ser construída através de crentes confessos que têm convicções sobre Jesus dadas pelo Pai que está nos Céus; que Jesus é o Messias e Mestre, Redentor e Deus majestoso. "Carne e sangue"—razão e religião, sentimento e tradição—podem dar opiniões de segunda mão sobre Jesus, mas somente a revelação de fé pelo Espírito de Deus dá a convicção de coração e confissão de vida que fazem um cristão e uma igreja invencível—uma crença modificadora de vida no Filho de Deus e Filho do Homem em quem se concentram todas as perfeições e virtudes.

Jesus combina em Sua pessoa a pureza da vida e ministério de João Batista; a compaixão e coragem que moldou o ministério de Jeremias e o poder milagroso que fez de Elias uma lenda viva. E ainda Seu poder e pureza perfeitos não O isolaram do homem. Jesus está acima deles como a Luz do Mundo, mas também com eles e entre eles como o sal santificador da humanidade perfeita. Uma revelação perfeita de Deus e da redenção para o homem combinaram-se numa vida perfeita.

Jesus não assumiu ou antecipou que esta fé chegaria natural ou facilmente, pois o desenvolvimento da confissão de Pedro de deidade e salvação havia sido sábia e gradual. Passaram-se meses, e mesmo anos de aprendizagem, estudo, dúvidas e adoração, até que os pedaços da revelação repentinamente se juntaram.

O salto de fé de Pedro não resultou da típica impetuosidade humana, mas duma abençoada iluminação divina dada à mente e ao coração. Haveria testes, provas satânicas, castigos e opressão, mas a fé estava em órbita—"Tu és"—e através desta confissão Pedro seria, eventualmente, uma rocha de fé. Ele acrescentaria à sua virtude de fé sabedoria, temperança, paciência, religiosidade, bondade fraternal e caridade; mas todas estas graças foram incipientes na primeira confissão da fé, visto que a pessoa ainda por existir se acha na fase e possibilidades pré-natais duma criança.

Deus não apressa o coração humano no que respeita à fé nem despreza o prelúdio do raciocínio. Mas a fé é um dom divino e um testemunho que ultrapassa a razão. É uma bênção que vai nascendo à medida que a glória de Jesus quebranta a alma e a confissão não possa ser segurada: com o coração o homem crê e com a boca confessa: *Tu és... Filho do Deus Vivo. Meu Senhor e meu Deus.* □





## QUE SIGNIFICA A MORTE PARA AS CRIANÇAS?

Geralmente a criança não está preparada para enfrentar a morte de familiares mais íntimos. E a falta de preparação deve-se a dois factores: a) só se fala da morte às crianças quando ela bate à porta de familiares; b) além disso, em certos países há a tendência de casais jovens mudarem para longe da família ficando as crianças privadas da experiência da morte de seres queridos. Infelizmente, a televisão é muitas vezes o meio pelo qual se introduz na mente das crianças o tema da morte num contexto de violência sem qualquer sentimento nobre. Sob a influência desses programas da televisão, certo menino quando ouviu da morte da avó perguntou imediatamente: Quem a matou?

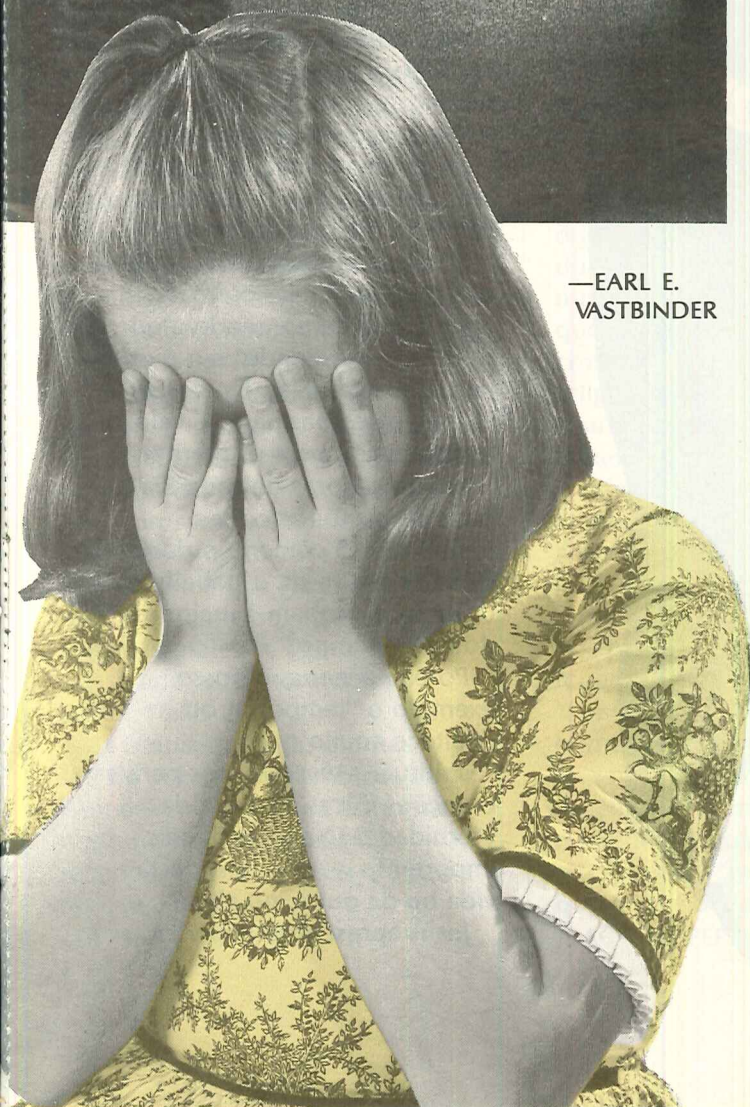
Em geral, os pais têm dificuldade em ajudar uma criança que passa pela experiência de perder uma pessoa querida. O pai ou a mãe que se sente perplexo com o próprio sofrimento nem pensa nos sentimentos do filho. Poucas são as pessoas que

reconhecem a necessidade da criança durante a crise e que procuram ajudar a supri-la. A maioria "deixa correr as coisas". Mas se os pais se negam a falar da morte aos filhos, dão facilmente a ideia de que ela é algo misterioso e horrível. Ocultar-lhes a verdade pode levar à desconfiança e incerteza. A melhor maneira de explicar a morte a uma criança em termos simples é através de alguma comparação. Por exemplo, um menino que perdeu o seu animal de estimação por enfermidade ou acidente, pode compreender mais facilmente o conceito da morte.

A promessa da vida eterna para uma pessoa de família que acaba de morrer pode aliviar o menino no seu sofrimento. Entretanto, devemos ensinar-lhe que o céu não é uma situação temporária ou um lugar geográfico do qual o indivíduo poderá voltar cedo ou tarde. Se não formos claros, criaremos confusão na mente da criança. Por exemplo, a frase "foi dormir com os anjinhos", presta-se a criar nas



—EARL E.  
VASTBINDER



crianças certo receio de adormecer.

Embora seja importante a honestidade, não se lhes deve falar de uma só vez em todas as implicações da morte. As crianças têm habilidade única para vencerem a tristeza, mas a sua capacidade é limitada. Devem enfrentar a realidade da morte pouco a pouco, não com todos os pormenores apresentados ao mesmo tempo.

A sua compreensão da morte dependerá da idade, inteligência e experiência. A criança de idade pré-escolar estranhará a perda da pessoa por sua ausência e não conseguirá compreender a realidade da morte. Não esperemos que uma criança de seis a onze anos capte a finalidade da morte ou relacione causa e efeito (doença ou acidente). Já o adolescente se pode referir aos aspectos mais abstractos da morte e até perguntar por que acontecem.

As reacções duma criança variam também de acordo com a idade, inteligência e experiência. Terá momentos de tristeza, possivelmente de lágrimas, frustração e até de revolta. São reacções normais perante o sofrimento.

Algumas vezes a sua reacção pode até surpreender e afligir os adultos. Quase sempre a primeira reacção duma criança é negar a realidade da morte. Como por exemplo a criança que chora quando alguém morre mas pouco depois continua a brincar ou a ver a televisão aparentemente desinteressada. É que as crianças experimentam "por pouco tempo a tristeza". Têm o seu limite de tolerância. Mais tempo de sofrimento ser-lhes-ia esmagador. Depois terão outros momentos de tristeza para exprimir a perda da pessoa querida.

A necessidade mais premente da criança ao enfrentar a morte dum familiar próximo é de apoio emocional. Deve ser acarinhada por alguém que ela conhece bem e que ama, não por estranho ou familiar afastado. No princípio convém deixá-la num ambiente conhecido, com rotinas familiares: ficar em sua casa e distrair-se com os seus brinquedos.

A criança deve compartilhar a aflição de outros; mas com discrição, pois tem resistência limitada. Seria deprimente deixá-la por muito tempo na casa funerária, mesmo na companhia de um adulto amigo disposto a dar-lhe qualquer explicação. O mesmo deve suceder quando ela assiste a um funeral.

O apoio moral e espiritual deve continuar muito depois de findar a experiência triste, pois a criança terá a tendência nesse momento de negar a morte. Mas mais tarde experimentará períodos de tristeza ao comprovar a evidência da separação.

Em resumo, não se deve esconder à criança a realidade da morte mas, ao falar dela, faça-se isso com honestidade e de acordo com a sua capacidade infantil. Tendo o apoio total de adultos a criança aprenderá a responder às suas próprias perguntas e verá satisfeitas necessidades pessoais. □

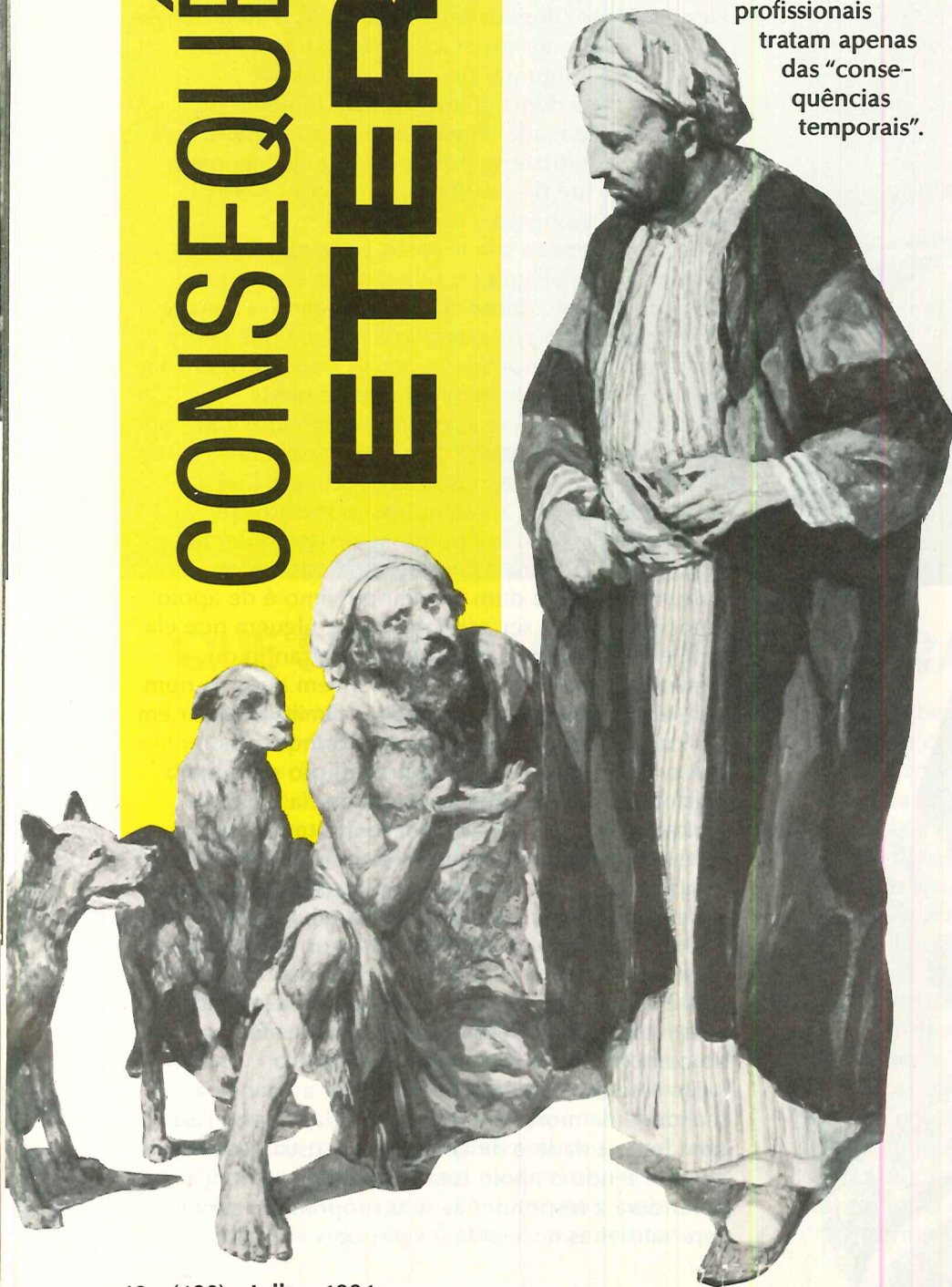
# CONSEQUÊNCIAS ETERNAS

Que é que se acha implícito na expressão "consequências eternas"?

Deve referir-se certamente a valores morais e espirituais. Não basta dar aos filhos alimento, roupa, casa, instrução, repouso e divertimento. Tais coisas são excelentes para criar e manter boa saúde física. Mas todas elas acarretam "consequências temporais".

Como viver e pelo que viver são questões mais importantes do que *como ganhar a vida*. As habilidades vocacionais ou

profissionais tratam apenas das "consequências temporais".



E que dizer de conceitos como honestidade, veracidade, integridade, honra, virtude, respeito, verdade, compaixão, simpatia, solidariedade, valor, coragem e confiança? Todos estes são traços qualificáveis e tradicionais do bom carácter.

E que dizer dos conceitos de Deus, religião, justiça, bondade, alma, valores eternos e imortalidade? Quem instruirá nossos filhos nas verdades que têm "consequências eternas"?

Milhões de crianças estão hoje a obter coisas de "consequências temporais" de fontes de segunda-mão: amas, cozinheiras, empregadas, mentores e também de creches. Faltam, porém, as coisas de "consequências eternas".

Não basta aconselhar, é preciso dar o exemplo.

Para ensinar a honestidade, é preciso ser honesto.

Para ensinar a integridade, é preciso ser íntegro.

Para ensinar a honra, é preciso ser honrado.

Para ensinar a justiça e a rectidão, é preciso ser justo e recto.

Diz-se que "é muito difícil ensinar uma criança no caminho em que deve ir, se este não for o caminho em que andamos".

Só pode ensinar a importância das *consequências eternas* aquele que compreende o que significa "eternidade" e o que são tais consequências. Em geral, vivem as pessoas para os valores temporais ou para os eternos?

Quantas horas de cada dia dedicamos nós às coisas temporais? O comer e o dormir, o beber e o vestir, o trabalhar e o divertir-se ocupam a maior parte do nosso tempo.

Porém, acentua o nosso exemplo o "temporal" ou enaltece aquilo que é "espiritual"? Vivemos nós para as emoções físicas ou à luz da eternidade? O que será mais importante — as coisas desta vida ou da outra, no além?

Jesus apresentou uma das

maiores e mais profundas verdades quando indagou: "Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?"

(Mat.16:26).

Suponhamos que a sua carteira esteja cheia, o saldo do banco seja elevado, a sua cotação tenha elevado activo financeiro; mas que acontecerá se a sua alma está vazia e o seu coração corrupto? Os resultados temporais jamais poderão tomar o lugar dos resultados eternos.

Achamo-nos hoje cientificamente adiantados, mas moralmente atrasados; materialmente ricos, mas espiritualmente pobres; fisicamente sadios, porém espiritualmente enfermos.

Muitos procuram satisfazer o corpo dando-lhe emoções, saciedade, enquanto a alma se encontra infeliz e faminta. Somos mendigos ricos e milionários em bancarrota. As "consequências temporais" resultaram em riquezas fabulosas, mas as "consequências eternas" nos trouxeram pobreza de espírito neste mundo e o inferno no outro.

Jesus contou a parábola do rico e Lázaro. Este estava enfermo e mendigava as migalhas que caíam da mesa do rico. Ambos morreram. O rico "ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim... porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, e Lázaro somente males; e, agora, este é consolado, e tu atormentado" (Lucas 16:23-25).

As "consequências eternas" são de máxima importância. Por isso, devemos viver de tal forma neste mundo que possamos receber as recompensas eternas no céu. □

—RUSSELL DELONG

## Religião

### Ultrapassada?

Certo universitário declarou publicamente que "a nossa geração já ultrapassou a necessidade de religião". Realmente, se ele se referia a mera organização eclesíastica ou a um templo onde se reúnem cristãos para exercícios espirituais sob a direcção dum ministro ou onde as massas se refugiam de problemas — então, sim, já a ultrapassámos.

Também se o estudante apontava para a vida de alguns considerados religiosos, que só desejam postos elevados e que pregam uma nova moralidade através de acções imorais — então, sim, nós já a ultrapassámos. Mas o certo é que, numa forma ou doutra, quase todos confessamos determinada religião. Até o que se diz ateu, em momentos de apuros, clama ao céu. E isto sem contar com os idólatras que adoram deuses falsos e se curvam diante de pessoas e coisas.

Vemos na Bíblia que certa vez um jovem religioso se aproximou de Jesus para Lhe perguntar: "Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?" (Mateus 19:16). Evidentemente tinha o coração vazio. Ele guardava os mandamentos e sabia as Escrituras, mas não estava satisfeito com a sua religião. Ela não Lhe assegurava a vida eterna.

Outra ocasião, um homem culto veio de noite ter com Jesus para indagar acerca do reino de Deus. Era Nicodemos. O Mestre respondeu: "Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Tratava-se dum homem nobre, príncipe dos judeus, mas insatisfeito com a sua religião. Para alcançar o reino de Deus teria de iniciar nova vida.

Um dos homens mais zelosos de sua religião deve ter sido Saulo de Tarso. Quando ia para a cidade de Damasco perseguir os cristãos, Jesus saiu-lhe ao encontro: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" E Saulo, mais tarde Paulo, pôde reconhecer imediatamente que havia algo errado na sua religião: "Quem és Senhor?... Que queres que faça?" Também algo semelhante aconteceu comigo. Em certa fase da vida Deus me ajudou a reconhecer que a minha "religião" não me podia salvar. Primeiro comecei por duvidar de que lado estava a Verdade. Depois o Senhor usou a carta dum pastor evangélico a transbordar de amor cristão para me orientar num dos passos mais arriscados da vida. Perguntava amiúde: "Senhor, que queres que eu faça?"

A princípio não sei se o desejo de converter um protestante superava o de eu passar às fileiras duma religião que tinha perseguido. Porém, certa vez, como Nicodemos com Jesus, fui às escondidas visitar o pastor evangélico que tinha escrito aquela carta. Queria saber de fonte limpa como ele encarava a entrada no reino de Deus.

Decidi bater-lhe à porta desconfiado, mas atento. Tudo me surpreendeu negativamente. Saí mais perplexo que antes. Mas a graça de Deus continuou a operar na minha alma até sentir força espiritual para arriscar tudo e fazer a decisão. Só mais tarde, no fim duma mensagem que me tocou profundamente, pedi perdão a Deus dos pecados e reconheci que boas obras e sacrifícios não salvam. Então repeti com a mais íntima convicção a mesma pergunta de Saulo: "Senhor, que queres que faça?"

Humilhei-me diante de Deus e dos homens confiando plenamente no amor e poder divinos. Reconheci que não importa qual tenha sido a vida passada. Há necessidade urgente de aceitarmos Jesus como Senhor e Salvador. A Bíblia diz: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Actos 16:31). Sim, podemos ultrapassar a "religião", mas nunca poderemos ultrapassar a necessidade que temos de Jesus Cristo. □

—ACÁCIO PEREIRA

Hoje depois da igreja, minha filhinha Kelsey, cantarolava um corito que ela havia aprendido—"A Casa do Sábio na Rocha se Fez". Enquanto suas mãozinhas faziam todas as mímicas de construção, senti-me dominada pela maravilha de Deus.

Houve um tempo em minha vida quando pensei que jamais poderia voltar a sentir algo. No liceu atingira o fundo do poço. Depois de ter sofrido anos de abuso no lar, minha mãe entrou no quarto e disse-me para fazer as malas e sair de casa. Eu tinha 16 anos de idade. Enquanto começava a empacotar, achei cartões desportivos, chicletes e bolinhas de gude dos dias de escola primária; fotos de festas dançantes, distintivos de clubes escolares e flores secas dos anos de estudo secundário; medalhas de atletismo e galhardetes de várias modalidades desportivas; assim como recortes de jornais. Foi como se eu tivesse saído para fora de mim mesma e estivesse vendo tudo aquilo acontecer novamente. Tive a esperança de que a crise fosse apenas temporária—certamente minha mãe não me faria sair permanentemente de casa! Mas bem lá no fundo, eu sabia que era para sempre.

Desde menina, ela sempre me dissera que se eu saísse de casa seria deserdada. Algumas vezes me pergunto se minha mãe sabia que realmente chegaríamos a este ponto. Ela tinha muitos problemas pessoais; eu acho que nós, seus filhos, nos tornamos simplesmente alvos de sua infelicidade. O abuso físico parecia bem mais tolerável do que o emocional, as contínuas variações de humor, a confusão de regras que eram diariamente modificadas.


Todos os dias, meu irmão e eu andávamos a caminho de casa, fazendo mentalmente uma lista das coisas que tínhamos feito, com esperança de não termos esquecido qualquer tarefa. É difícil imaginar agora como podíamos estar, constantemente, tão assustados.

A vida sempre tinha sido dura, mas à medida que crescíamos, parecia que piorava ainda mais. Finalmente, quando eu estava no liceu, tudo atingiu o ponto de ebulição. Minha mãe já tinha mandado meu irmão para a casa da avó e, um dia, ela decidiu que era a minha vez de partir. Lembro-me de estar assentada no meio-fio, em pleno inverno, sem saber o que fazer. Onde moraria? Quem pagaria minhas contas médicas? Quem estaria em meu casamento algum dia no futuro? Todas estas perguntas invadiam minha mente, mas eu estava como que anestesiada—não sentia nada.

Fui à casa de uma amiga. Sua família estava envolvida em uma igreja e achei que poderiam conhecer alguém que pudesse ajudar. Permitiram que eu morasse com eles. Embora tivesse levado um bom tempo para me ajustar, permaneci com eles até me formar no liceu.

O meu último ano foi um dos mais difíceis. Parecia que minha vida estava indo de mau a pior. Eu estava sempre na defensiva e não permitia a mim mesma sentir nada por pessoa ou coisa alguma. Sentia-me vazia, como estranha, na companhia de pessoas que havia conhecido a vida inteira. Agia como se ninguém se importasse com o que me pudesse acontecer. Logicamente, se minha própria mãe não me amava, quem mais poderia fazê-lo?

Decidira ir para a universidade para que pudesse continuar a jogar bola. Na minha família ninguém havia conseguido o diploma liceal—mas eu decidira tentar um curso universitário. Várias me contactaram com possibilidades de bolsas de estudo e todos os dias meu colega de laboratório de biologia e eu comparávamos apontamentos escolares. Um dia ele chegou com um cartão e foto da Universidade Nazarena de Northwest, em Idaho. Por algum motivo, ele tinha recebido o cartão pelo correio preenchera-o com meu nome. Não pensamos nada mais a respeito até que recebi uma carta da universidade. Durante as semanas subsequentes, fiquei impressionada com o calor humano da correspondência e promessas do estilo de vida em Idaho. Comecei a entreter a ideia de mudar-me para lá. Entretanto, ao aproximar-se minha formatura, comecei a reconsiderar. Quando uma pessoa não tem o apoio de família ou qualquer espécie de laços familiares, a intimidade do ambiente diário se torna extremamente importante. Meu professor de química sugeriu que eu prosseguisse com o planejado, pelo menos por um ano. Na noite de formatura eles anunciaram a minha ida para a Universidade Nazarena de



O Lago Payette estava  
nuvens, mas repentinamente  
nas nuvens, com raia  
por en

UMA AB  
NUV

—SUSA





a sob densa camada de  
mente houve uma aberta  
os de sol penetrando  
re elas.

## ERTA NAS VENS

BUNKER



Northwest. Não tinha qualquer auxílio federal, nem bolsa de estudos por atletismo. E eu nunca estivera a oeste de Chicago!

Desde então tenho aprendido o conceito de graça preveniente. Mesmo antes de saber o que minha vida necessitava, vi-me envolvida em circunstâncias que alterariam o seu curso.

Após minha formatura, fui trabalhar como faxineira no distrito escolar. Ocupada assim em limpezas, tinha tempo para pensar—talvez tempo demais para o meu gosto. Simplesmente queria manter-me ocupada e ser feliz. Mas parecia que isso jamais aconteceria. Sentia-me anestesiada e que jamais seria feliz.

Certo dia, a caminho do trabalho, dei carona a três viajantes e descobri que eles tinham acabado de roubar um posto de gasolina. Aquilo realmente me assustou e, quando eles saíram do carro, decidi que viajaria para Idaho logo que possível.

Nunca me esquecerei da sensação que tive quando o avião pousou no aeroporto de Boise; havia somente três portões! Esperavam-se alguns alunos. Levaram-me à Universidade através de ruas tranquilas, entre os campos de cultura. Eu fiquei surpreendida—tanto campo aberto! Havia vacas a dois quarteirões do campus! Nada de auto-estradas, nenhuma loja conhecida, e todos andavam a passos tão lentos! E para piorar ainda um pouquinho mais a situação, eu chegara um dia antes da data da abertura oficial e me deparei com um dormitório completamente vazio. E estava sem um tostão no bolso. Quando os alunos começaram a chegar, foi pior. Seus estilos de vida eram tão diferentes de qualquer coisa que eu até então conhecera. Minha companheira de quarto crescera numa igreja e viera de família muito unida. Nós duas fazíamos um par bem interessante—nenhuma de nós podia acreditar que a outra realmente vivera da maneira como descrevíamos. Eu costumava tomar dinheiro emprestado de sua caixa de alabastro e ela tentava limar meus pontos ásperos. Sua família se tornou instrumental para a minha permanência naquela Universidade.

Eu jogava no time de voleibol. Depois de alguns meses de treino, fomos num retiro para um lugar chamado McCall, em Idaho. Na primeira noite as moças se assentaram ao redor de uma fogueira cantando hinos e nosso treinador leu as devoções. Sempre me orgulhara do facto de que eu não chorava e admirava outros que também não choravam. Mas, naquela noite, as moças que eu tinha escolhido como sendo as mais duras sentimentalmente, estavam reagindo com emoção. Eu deixei o grupo e fui para fora. Uma delas saiu e perguntou se eu gostaria de conversar. Recusei. Minha cabeça estava em reviravolta—todas as emoções que eu havia trancado bem no fundo de mim mesma pareciam estar subindo à tona. Esta menina começou a falar de Deus e da diferença que Ele podia fazer em minha vida. Ajoelhamo-nos naquela praia e eu chorei o suficiente para compensar todos aqueles anos de dor e raiva. Quando retornei ao quarto aquela noite, havia um calor dentro de mim que nunca antes conhecera—um preenchimento difícil de descrever.

Na manhã seguinte, sentei-me exatamente no mesmo lugar onde havia estado na noite passada, pensando em como me tinha transformado totalmente desde a noite anterior. O Lago Payette estava sob uma densa camada de nuvens, mas houve repentinamente uma aberta nas nuvens com raios de sol penetrando por entre elas. Foi como se algo me estivesse assegurando de que aquela mesma luz e calor se tornavam agora parte de minha vida.

O resto de minha experiência na Universidade foi cheia de altos e baixos, inerentes a todo cristão. O que me toca, enquanto vejo minha filha crescer e aprender sobre Jesus, é saber que tudo isto foi possível por causa de minha experiência na Universidade. Todas as coisas boas em minha vida são resultado desta oportunidade. Falamos muito sobre campos missionários ultramarinos—às vezes penso que nos esquecemos dos mais de 10.000 alunos em nossas Universidades. Meus professores serviram como missionários. Eles foram um exemplo de tudo o que minha vida poderia ser, e ajudaram-me a reconhecer minha chamada para fazer uma diferença no meu mundo. □

Prezado irmão:

Somente o apreço e carinho que lhe dedico me levam ao gratificante trabalho de questionar com o irmão a respeito da sua e minha posição quanto à doutrina da santificação.

Você julga-me um defensor da "doutrina nazarena da santificação". Devo dizer-lhe que nem os próprios nazarenos se julgam detentores da doutrina; e creditam a nós metodistas a sua origem histórica. Tanto isto é verdade, que foi publicado no órgão oficial dos nazarenos — O ARAUTO DA SANTIDADE — o seguinte:

"Neste período crítico da nossa história, bem faremos se escutarmos a exortação dada pelos bispos da Igreja Metodista no seu discurso quadrienal à Conferência Geral em 1824: Em resumo, estamos nós contentes por ter a doutrina da santidade cristã somente como um dos artigos do nosso credo, sem a conhecermos experimentalmente e de modo prático? Estamos nós lutando por ela como o prêmio da nossa chamada em Jesus Cristo? Se os metodistas abandonarem a doutrina da inteira santificação ou permitirem que ela se torne letra morta, somos um povo que falhou... Se os metodistas perderem de vista esta doutrina, cairão pelo seu próprio peso. A santidade é o principal elo que nos une. Afrouxai este e afrouxareis todo o sistema. Isto será mais evidente se tivermos em mente o desígnio original do Metodismo: levantar e preservar um povo santo".

No documento contemporâneo de Vida e Missão, lemos: "Deus lhe deu esta forma de articulação unificadora para cumprir a vocação histórica de reformar a nação, particularmente a igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre a terra" (Wesley).

Posto isto, a doutrina cardeal do Metodismo é a doutrina da santificação. Mas o suporte, a viga mestra é a experiência! Como, pois, espalhar, proclamar e repartir esta doutrina sem a conhecermos experimentalmente?

Então não podemos arredar pé desta mística metodista — a experiência.

Vemos isto na vida de Wesley. Sua primeira experiência ficou patente no dia 24 de Maio de 1738. Foi nesta data que ele teve a certeza de que ninguém é salvo pelas obras, exercício espiritual ou qualquer processo. Mas pelo arrependimento e fé se alcança, num só momento, esta bênção.

Em 1739 ele fala de outra experiência, a sua e a de

seu irmão Carlos Wesley — a santificação: "Não existe a menor dúvida de que o Senhor nos deu a segunda bênção, propriamente assim chamada".

Se o colega insiste em me creditar os termos "primeira e segunda bênção", honestamente não posso agradecer-lhe, pois estaria roubando a terminologia de João Wesley.

No livro A Perfeição Cristã, ele diz: "Não negueis a obra que Deus tem feito em vós, antes falai dela quando for preciso, mas da maneira mais inofensiva possível... Não necessitais realmente de lhe dar um nome específico, como perfeição, santificação, segunda bênção. Melhor, falai da obra feita por Deus a vosso favor. Podeis dizer: Em tal tempo senti uma mudança, a qual não posso expressar".

Esta declaração indica duas coisas. Primeira, Wesley já relacionava estes termos. Sendo assim, eu saio daquela dúvida que alguns irmãos me colocaram ao dizerem que santificação, perfeição e batismo com o Espírito Santo são coisas diferentes.

Entendo que as formas de se expressar a experiência são diferentes, mas o conteúdo é o mesmo. Depende da pessoa e do ângulo da qual se vê e se sente a experiência; e isto olhando pela ótica metodista.

Segunda, Wesley está a referir-se ao testemunho que as pessoas davam desta experiência, e não da exposição doutrinária quando se usavam os termos.

Não pense qualquer metodista colega que estou introduzindo doutrina alheia em nosso meio, pois "gato escaldado de água fria tem medo". As provas são patentes: Igreja Wesleyana, Congregacional...

O grupo "Coração Aquecido" me inquieta. Não por qualquer desconfiança. Preocupo-me com a normativa a ser adotada pelo grupo, capaz de trazer o consenso, a unidade — enfim para termos uma definição clara da doutrina. E aqui vai um conselho: "Cuidado, diz Wesley, para não abirdes uma fenda na Igreja de Cristo. Cuidado com o espírito de divisão. Se o vosso pastor não aceita a doutrina da santificação como é ensinada nas Escrituras, tende misericórdia dele, orai por ele, ajudai-o. Não abandoneis a igreja, mas ficai ali mesmo... o vosso testemunho é necessário exactamente onde Deus vos colocou. Demonstrei por contraste, a beleza da santidade e algum dia na terra ou no céu, a vossa vida e o vosso testemunho serão justificados" (Santidade e Poder).

Esta unidade, este consenso é necessário e até

# A Quem Pertence Esta Doutrina?

Carta dum pastor brasileiro a um colega e amigo.



bíblico: "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Amós 3:3).

Se a doutrina wesleyana da santidade é o principal elo que nos une, conforme a exortação dada pelos bispos metodistas no conferência geral em 1824, por que não adotá-la?

"Esta é a pregação do senhor Wesley! Ele prega a perfeição". —Respondo: Sim, prego-a, mas a doutrina é tanto minha como sua ou de qualquer outro que é ministro de Cristo... Encontrei-a nos oráculos de Deus... Admitimos e ensinamos que somos livremente justificados pela justiça e sangue de Cristo. E porque se mostram assim indignados contra nós quando dizemos que esperamos de igual maneira ser *plenamente santificados pelo Seu Espírito?*" (A Perfeição Cristã).

Veja bem, o irmão sustenta que a santificação se obtém por um processo. Eu estou plenamente convencido de que se trata duma obra operada por Deus num só instante, através da consagração e fé.

No livro *A Perfeição Cristã*, Wesley sustenta: "Fui extenso nestas citações porque elas demonstram, sem possibilidade de exceção, que até hoje, tanto o meu irmão como eu mantemos: (1) Que a perfeição cristã é o amor de Deus e ao próximo, que implica libertação de todo o pecado. (2) Que é recebida simplesmente pela fé. (3) Que é dada instantaneamente. (4) Que a devemos esperar a cada momento; não precisamos esperar até à hora da morte para obtê-la, mas *agora* é o tempo aceitável, hoje é o dia da salvação".

"É sem pecado? Não vale a pena discutir sobre a palavra. É salvação do pecado"  
(A Perfeição Cristã)

Wesley conhecia a dupla definição da santificação; e assim ensinou que "ao mesmo tempo que somos

justificados, sim, naquele momento começa a santificação", mas inferir que ele ensinou que o lado divino da santificação, "o tornar santo e puro" seja gradual, é fazer Wesley contradizer-se.

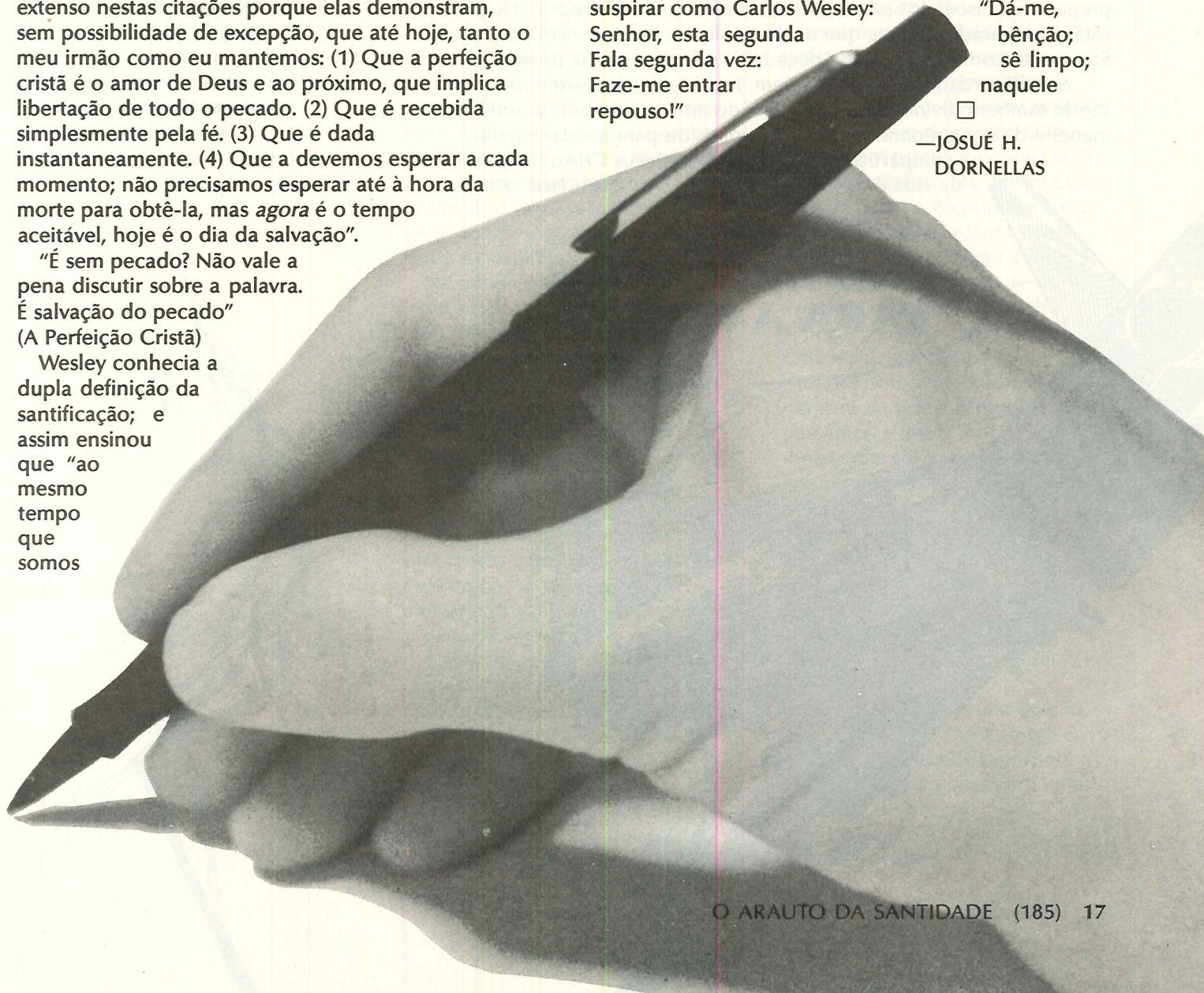
Gosto desta interpretação de Scroggie sobre II Cor.7:1 — "No primeiro versículo o Apóstolo faz uma distinção entre purificação e santidade. A primeira é uma operação instantânea; a segundo, progressiva; e seguem sempre nessa ordem. Pode haver purificação sem santidade, mas não santidade sem purificação".

Quando sustento que a santificação é uma obra operada por Deus em nós, num instante, não nego que haja um processo. Isto porque tanto a primeira bênção, a justificação, como a segunda, a santificação, têm a participação humana. E aqui me apoio em Agostinho: "O que nos fez sem nós, não nos salvará sem nós" (Wesley).

"Iniciada a santificação como um ato deve ser mantida como condição" (O Espírito de Santidade).

O assunto é vasto e fascinante. Só me resta suspirar como Carlos Wesley: "Dá-me, Senhor, esta segunda bênção; Fala segunda vez: sê limpo; Faze-me entrar naquele repouso!"

□  
—JOSUÉ H.  
DORNELLAS



Parece que o ser humano se prepara para tudo menos para a morte. O que é estranho, pois sabemos ser a morte algo inevitável que temos de enfrentar.

Vi há pouco dois acidentes em que morreram todos os ocupantes dos carros. Eles tiveram apenas alguns segundos para se prepararem para a morte.

Certo amigo meu que viajava de avião sobre o mar, ouviu o piloto anunciar que um dos motores se tinha incendiado e que se preparassem para a morte! Foram avisados com 60 segundos de antecedência —mas salvaram-se por milagre.

Alguns têm meses e até anos para se prepararem. Mas mesmo esses habitualmente não se encontram preparados.

A morte aterroriza-nos por duas razões: o reconhecimento de culpa diante de Deus e a viagem para o desconhecido, quando esta vida termina e começa a outra. O cristão não se preocupa com a primeira razão nem com a segunda.

Quando Jesus morreu, as circunstâncias da Sua morte foram muito diferentes das de qualquer outra. Ele era o Filho de Deus sem pecado e, por isso, sem culpa. A Sua missão neste mundo foi expiar o pecado através da morte na cruz. E antes da morte o Senhor compreendeu que era essa a Sua missão. Falara frequentemente aos discípulos da Sua morte futura. O Mestre passou mais tempo a preparar os discípulos para a Sua morte do que a Si próprio. Ele já estava preparado. Queria que os discípulos se preparassem para ver a Sua morte como expiação de pecados e não uma perda pessoal.

Sendo verdadeiramente Homem, Jesus temeu o sofrimento. Mas sendo também divino, bebeu o cálice do amor expiatório. A única maneira de nos prepararmos para a morte (ou para a vida) é pela participação da morte de Jesus Cristo, Senhor da vida e da morte. □ —FLETCHER SPRUCE



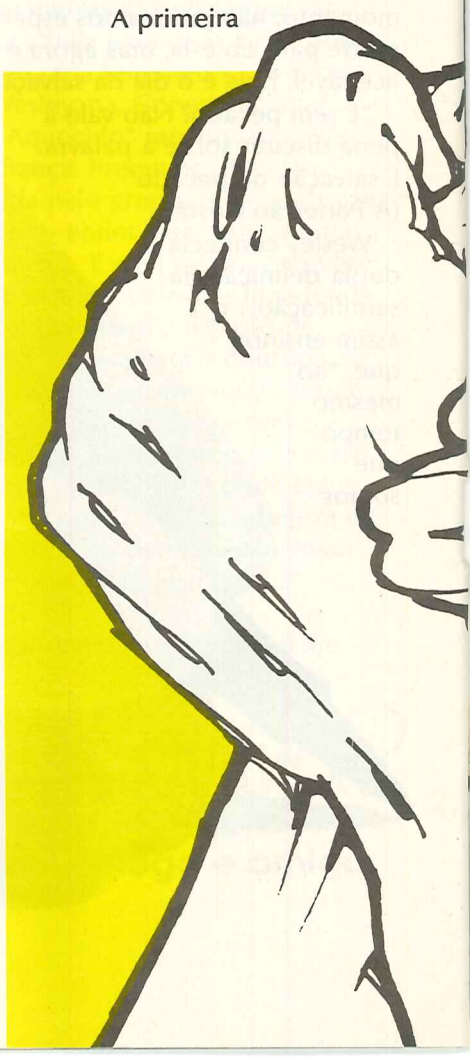
**PREPAREMO-NOS  
PARA A MORTE!**

## Companheirismo Espiritual

Quinze senhoras estavam sentadas à volta duma fogueira quando lhes fiz esta pergunta: "Em que pensam quando digo "amizade espiritual"? Elas começaram a associar palavras: vulnerabilidade, intimidade, responsabilidade, ter algo em comum. Sabiam o que esperavam dum companheirismo espiritual e, também, que é difícil encontrá-lo.

Pode definir-se um amigo como alguém que troca impressões íntimas com interesse e apreço. É alguém que permanece ao nosso lado nos momentos mais difíceis da vida. Mas uma amizade espiritual é única, no sentido que é melhor; tem-se uma profunda compreensão da presença do Espírito de Cristo como a terceira pessoa nessa amizade.

A primeira



formulação deste conceito surgiu no século XII com Aelred de Rivaulx. Ao falar com um monge disse: "Estamos aqui tu e eu, e espero que também esteja um terceiro, Cristo". O companheirismo espiritual tem sido apresentado historicamente pelo menos em três formas diferentes.

### 1. *Conforto mútuo.*

A primeira forma de se mostrar amizade espiritual é através da união de almas semelhantes que se confortam mutuamente. Antoinette B. Blackwell foi a primeira mulher a ser ordenada na América, em 1853. Matriculou-se no Colégio Teológico Oberlin com a firme determinação de obter educação teológica. Naquele tempo as mulheres eram admitidas como ouvintes nas classes, mas não lhes era permitido falar. Antoinette perseverou, graças ao estímulo de sua amiga Lucy Stone. Depois da morte dum membro da família e de ter sido rejeitada num seminário,

ela escreveu a Lucy:

"O meu coração recorda aquelas tardes que juntas nos sentávamos a conversar horas seguidas... até nos sentirmos com forças e livres de mágoas, pela pura comunhão no espírito".

Lucy respondeu: "Há poucos, muito poucos que possam compreender e penetrar a parte mais sagrada da alma. Mas esses poucos ou a pessoa necessitada e aquele que pode compartilhar o mais íntimo da sua alma, são sempre mais fortes".

Estas mulheres resistiram unidas em amizade espiritual às tempestades da vida, durante quase 50 anos.

### 2. *Compromisso de compartilhar a visão.*

A segunda maneira pela qual se pode desenvolver uma amizade espiritual é através de compromisso mútuo. Nos começos do movimento monacal, as amizades espirituais baseavam-se numa visão comum. No princípio do século VI aquele que entrava no mosteiro de S. Bento dispunha-se a oferecer uma vida de oração, trabalho físico e hospitalidade cristã.

Na minha própria experiência mantenho amizade espiritual com duas pessoas de San Francisco, Califórnia. Bonnie e Steve pertenciam a um pequeno grupo cujos membros, como eu, se comprometiam a ter companheirismo, celebrar cultos religiosos na comunidade e oferecer serviço de caridade aos pobres do bairro. Nos oito anos que temos trabalhado juntos, o Espírito Santo uniu-nos em amizade profunda e perdurável.

### 3. *Guia espiritual.*

A terceira e última forma de se expressar amizade espiritual é através de orientação espiritual. É uma tradição católica que se mantém há séculos. Mas os evangélicos referimo-nos geralmente a discipulado ou guia espiritual, em vez de direcção. Esta amizade inicia-se quando

alguém procura outra pessoa que tenha uma vida espiritual em que se possa confiar. Quem busca um guia espiritual pede que o oriente durante certo tempo de dificuldades. O guia é um amigo que está presente para ouvir, orar, aconselhar e esclarecer o que Deus está a operar na vida do indivíduo. O guia espiritual nunca deve decidir em nome do discípulo. Ele simplesmente observa de perto a obra de Deus na vida do amigo para o ajudar. Esquece as suas próprias necessidades para atender às da outra pessoa.

Há anos num curso de seminário aprendi o que é direcção espiritual. Eu tinha orado por um guia e meses depois, num corredor do seminário, ouvi uma companheira de classe falar com outra acerca do seu serviço como conselheira espiritual. Aproximei-me e pedi-lhe que me desse o nome de outros guias com quem pudesse contactar. Na semana seguinte ela deu-me uma lista de nomes. Depois declarou: "Esta semana, enquanto orava, senti que o Senhor me indicava que te devia perguntar se me desejas como guia". Eu tinha sentido o mesmo nas minhas orações. Deus nos juntou e, durante dois anos, Bárbara, ministra da Igreja Metodista e eu passámos a reunir-nos mensalmente. Todas as vezes que nos reuníamos ela cumprimentava-me com um abraço e acendia uma vela que simbolizava a presença do Espírito Santo. Depois ponderávamos como Deus operava na minha vida.

As amizades espirituais são dons de Deus que se estabelecem com muita oração. Aelred escreveu: "Um amigo é chamado guarda de amor; ou como outros lhe chamam, uma sentinela do próprio espírito". □

—REBECA LAIRD



Séculos antes da organização da Igreja do Nazareno já Deus amava todas as pessoas do mundo. Depois da gloriosa ressurreição de Jesus Cristo e antes do Seu regresso ao Pai, Ele deu ao pequeno grupo de discípulos uma grande comissão: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16:15).

Sem dúvida que Deus ao considerar a enormidade da tarefa e os inúmeros pormenores da obra missionária, designou pessoalmente aquelas corajosas senhoras de ontem que deliciar-se-iam até que estivesse em operação um corpo auxiliar missionário. E quando começou esse auxiliar, ele estendeu mãos dispostas a ajudar a jovem Igreja do Nazareno a cumprir a Grande Comissão de Deus.

Tendo eu crescido numa área da América sem igrejas, nunca tinha imaginado que se pudesse ter uma experiência pessoal com Deus. Então um dia vi uma daquelas senhoras missionárias, com rosto enrugado mas resplandecente com uma glória celestial, aclamar e saltar com

alegria desinibida, enquanto louvava a Deus em voz alta por algo maravilhoso que Ele lhe tinha feito. Esse rosto resplandecente e seu testemunho estimularam-me até encontrar o Senhor que ela tão gloriosamente revelava. Eu assisti a uma convenção em Oregon (EUA). O Dr. Hiram Reynolds falou de Etta Innis da Suazilândia. Nesse dia eu descobri um mundo completamente novo. Quando Deus me santificou na Faculdade Nazarena do Noroeste, eu sabia que Ele me ia enviar para África. Nos começos de 1920 recebi a nomeação. A Sra. Brown, esposa do superintendente do Distrito Noroeste, levou-me até Seattle onde várias senhoras que ajudavam missionários me compraram e costuraram um completo enxoval de roupa — bastante para durar todo o período de sete anos. Também me deram a única peça de mobília que ia possuir — uma máquina de costura a pedal. Mais tarde soube que este tratamento era parte regular do programa de ajuda dispensada a todos os

missionários que partiam para os campos. Para os missionários de África, a SNMM era representada no princípio pelas senhoras Susan Fitkin e Ada Bresee. A primeira servia como nossa "mãe" e a segunda como nossa "agência de informação". Ela escrevia longas cartas que circulavam entre nós. Mesmo naqueles anos pioneiros, o trabalho de encomendas era muito importante. Todo o suprimento que recebíamos chegava em pacotes. Lindas toalhas bordadas, lenços e coberturas de mesa brilhavam nas nossas casas. A SNMM do Colorado enviou dinheiro para comprar "Café", um jumento cor de café. Depois pagou para o meu pequeno carro vermelho Whipper. Sem essas ofertas eu seria forçada a caminhar ou a cavalgar um burro como a missionária pioneira Etta Innis. Num Natal inesquecível grupos de moças da igreja de Santa Ana, Califórnia, enviaram a cada pessoa do Lar de Meninas um lindo vestido novo. Os adolescentes de Tennessee ajudaram Alice Khumalo a pagar

# **SNMM**

## ***Ontem, Hoje, Amanhã***

—LOUISE R. CHAPMAN\*

dez cabeças de gado como dote de noiva; e assim ela ficou livre do contrato de casamento e tornou-se pregadora do evangelho.

Durante anos eu não fazia ideia de quanto Deus estava a usar e a abençoar o pequeno grupo, formado quase só de senhoras, chamado SNMM.

Quando Susan Fitkin visitou África, iniciou uma SNMM para mulheres da Suazilândia. Até então as senhoras não tinham tarefa especial no trabalho da igreja. Elas aprenderam a organizar as suas próprias reuniões de jejum, oração, sacrifício, ofertas, pagar dívidas e levantar dinheiro para projectos especiais noutros países.

As moças em breve receberam chamada de Deus para pregadoras, professoras, enfermeiras e evangelistas. Tornaram-se um grupo de obreiras talentosas e de que muito se necessitava. Só a eternidade revelará a influência da elevação espiritual que a SNMM levou às mulheres africanas.

Este auxiliar missionário tem



*\*Louise Robinson Chapman serviu 22 anos como missionária na Suazilândia. Casou em 1942 com o superintendente geral J. B. Chapman. Serviu dezasseis anos (1948-64) como presidente geral da SNMM. Ela continua a promover a SNMM mesmo com 98 anos de idade.*

crescido regularmente durante 75 anos excitantes.

Hoje a SNMM é uma organização com cerca de 568.198 membros operando com êxito na igreja pelo mundo inteiro. Os seus líderes desafiam sabiamente crianças e jovens a tomarem o seu lugar à frente das fileiras. As suas forças unidas em oração e fé conquistam reinos, abrem portas de ferro, derrubam muros de separação, deslocam montanhas consideradas impossíveis. Através dela entram milhões de dólares no Orçamento Geral, Alabastro,

Rádio de Missão Mundial, Plano Médico, Ministérios de Compaixão, Trabalho e Testemunho, e outros projectos especiais. Entre estes um hospital na Nova Guiné, a abertura do trabalho em Samoa e Venezuela, o impacto à cidade de Hong Kong/China.

Que pensar acerca de amanhã? Até Cristo voltar — esta organização concebida, patrocinada e ungida por Deus continuará a crescer, estendendo mãos dispostas a ajudar a igreja a proclamar o evangelho por todo o mundo. □

A • HORA • NAZARENA

# RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS

MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO  
IGREJA DO NAZARENO

# O Jovem e o Futuro

—AGOSTINHO SOARES

O mundo criado por Deus, maravilhosamente belo, está agora contaminado e poluído de diversas formas. Respira-se um ar viciado em muitas cidades e as belezas naturais foram substituídas por um sem número de detritos e poluentes. Tudo isso em nome do progresso tecnológico, ou melhor, da ambição desmedida do ser humano.

Procede-se como se esta vida física fosse eterna e nunca tivéssemos de prestar contas ao Criador. Agride-se o ambiente e o nosso semelhante, descurando-se a sanidade moral e espiritual.

Satanás continua a ser o príncipe deste mundo, possuindo seguidores e adoradores em todos os pontos do globo. De uma forma declarada esses seus agentes exportam todo o tipo de contaminação que vai desde a ideologia herética até à música freneticamente diabólica, com



ritmos demolidores do equilíbrio psíquico e do sistema nervoso.

Para esquecer o mundo de miséria, de fome e de guerra, os jovens entregam-se a prazeres aparentes e efêmeros. Afogam-se no álcool, nos estupefacientes e na promiscuidade sexual.

Explorando esta situação pecaminosa da libertinagem, o maligno injectou um vírus mortífero nas sociedades devassas. É muito fácil destruir fisicamente uma sociedade corrupta, já destruída moral e espiritualmente. Desobedecer às leis divinas continua a ser um factor de alto risco.

O Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) vai-se transformando numa epidemia universal, porque não são respeitadas as mais elementares regras de higiene sexual e espiritual. Para cúmulo,

os governos deste mundo fartam-se de explicar aos seus cidadãos como se deve desobedecer às leis de Deus, sem contudo correr o risco de contrair qualquer doença venérea ou transmissível por via sexual. Digamos que em todo este processo o Criador foi esquecido e Satanás lembrado!

Este mundo decadente vai sucumbindo. Morre de fome, de SIDA, das drogas pesadas e das guerras. Ditadores políticos e religiosos, quais precursores do Anticristo, lançam a Humanidade em conflitos ideológicos e económicos, designados de "guerras santas".

Satanás promove também o ocultismo apelidando-se de Ciência. Fenómenos extra-sensoriais são procurados em diversos lugares, assim como se consultam mágicos e astrólogos. Espiritismo, bruxaria, ioga e meditação transcendental, são algumas das modalidades

que proliferam assustadoramente.

Desenterrou-se a arcaica alquimia e até a magia negra foi apelidada de investigação científica!

O Diabo está vivo e activo! Ainda não foi amarrado, nem tão pouco lançado no lago de fogo e enxofre.

Afinal, que poderemos esperar deste pobre mundo à beira da decadência completa e liderado por Satanás? Qual o futuro para os jovens? A resposta encontra-se em Jesus, a maior dádiva de Deus à Humanidade. Jesus representa a vida, a salvação e a eternidade com Deus!

Pois este Jesus maravilhoso está a voltar novamente como Ele próprio afirmou. Os sinais, mais que evidentes, da Sua vinda, estão aí à nossa vista! A título de exemplo citaria a crise do Golfo Pérsico, que não é mais que uma precursora do Armagedão.

Nunca houve uma concentração tão grande de nações no Médio Oriente. O espírito armagedónico começa a surgir no horizonte assim como o espírito do tenebroso Anticristo.

As ameaças de se fazerem uso de todas as armas possíveis, incluindo as químicas e as nucleares, não são mais que uma preparação para as pragas descritas no livro do Apocalipse. Além disso, com a democratização do bloco do Leste, tornou-se possível a pregação livre do Evangelho, o que vem também ao encontro das afirmações do Nosso Senhor.

Jesus vai voltar brevemente! Nós aguardamos com confiança essa vinda gloriosa, sem temer maus rumores, pois eles representam exactamente o prenúncio dos últimos tempos!

Que todos possamos dizer: "Ora vem, Senhor Jesus!" (Apc. 22:20). □

(Novas de Alegria)

### LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

- 1 II Reis 15—17
- 2 Oseias 1—4
- 3 Oseias 5—7
- 4 Oseias 8—10
- 5 Oseias 11—14
- 6 II Reis 18—19
- 7 Isaías 1—3
- 8 Isaías 4—6
- 9 Isaías 7—9
- 10 Isaías 10—12
- 11 Isaías 13—15
- 12 Isaías 16—18
- 13 Isaías 19—21
- 14 Isaías 22—24
- 15 Isaías 25—27
- 16 Isaías 28—30
- 17 Isaías 31—33
- 18 Isaías 34—36
- 19 Isaías 37—39
- 20 Isaías 40—42
- 21 Isaías 43—45
- 22 Isaías 46—48
- 23 Isaías 49—51
- 24 Isaías 52—54
- 25 Isaías 55—57
- 26 Isaías 58—60
- 27 Isaías 61—63
- 28 Isaías 64—66
- 29 Miqueias 1—4
- 30 Miqueias 5—7
- 31 Naum 1—3

### VERSÍCULO BÍBLICO

"Confiai no Senhor perpetuamente; porque o Senhor é uma rocha eterna" (Isaías 26:4).

### ORE:

1. Pela Conferência Internacional de Leigos (3-7).
2. Pelo Congresso da Juventude Nazarena Internacional (23-28).
3. Pelo estabelecimento da igreja em Angola, São Tomé e Príncipe, Madeira e Guiné-Bissau.
4. Por missionários regionais sendo recrutados para o começo de novos trabalhos.

## PÁGINA DEVOCIONAL

**EM TEMPOS DE AFLIÇÃO TODO O CONFIANTE FILHO DE DEUS PODE DIZER:**

### PRIMEIRO

Ele trouxe-me aqui. A Sua vontade permitiu que eu chegasse a este lugar difícil. E nessa vontade descansarei.

### A SEGUIR

Ele me conservará no Seu amor e me dará graça nesta tribulação para que me porte como Seu filho.

### DEPOIS

Ele fará desta prova uma bênção, ensinando-me as lições que deseja que eu aprenda e operando em mim a graça que tenciona dar-me.

### POR FIM

Em Seu tempo oportuno Ele me removerá desta situação —da maneira e na altura que Ele sabe serem apropriadas.

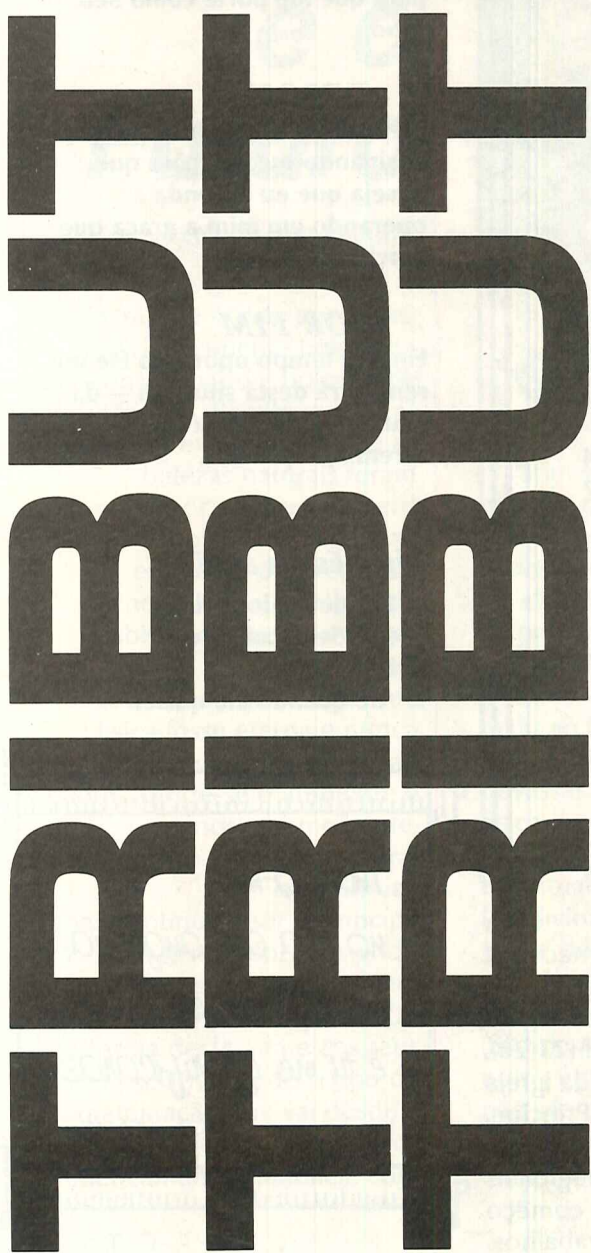
### Diga: Estou aqui

1. Por desígnio divino
2. Sob Seus cuidados
3. Em treinamento
4. Até quando Ele quiser.

*Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.*

Salmo 50:15

—G. T. S.



A partida chegou. Sempre chega. Tarde ou cedo. É tão certa que os homens já deveriam ter aprendido a tirar maior proveito dos valores e oportunidades que tiveram o privilégio de ter.

Os Woods, como familiarmente são tratados, talvez encerrem aqui no Brasil uma carreira de anos. Sempre consistentes, iguais, determinados, obcecados até pelo trabalho. Uma marca que os distingue. Desconhecemos alguém no ministério que vá adiante deles nesta parte.

Conhecemos os Woods há décadas, desde as Ilhas de Cabo Verde. A D. Margarida era mais nova, mas sempre cheia de graça e talento. O Sr. Elton também um pouco mais moço, metódico, correcto e sóbrio o tempo todo. Olhar para eles hoje nos dá uma saudade tamanha do tempo que rápido passou e de que só agora nos demos conta. Saudades do mar, das montanhas, das gentes simplices, do céu sempre azul. Saudades do tempo, esse tempo que devagarinho foi folheando os dias, folheando, folheando até chegar a partida e agora aqui estamos nós envolvidos em tantas lembranças sem sabermos de que lembrança primeiro lembrar. Saudade que aperta e esmaga o coração.

Não pedimos desculpa pela nostalgia. Somos tão frágeis, tão nada diante dos anos que ligeiramente vão. Como tão insensatos em não termos sabido aproveitá-los! Porque lembrar depois, se fazê-lo antes teria sido melhor! Sina do homem? Cremos que não...

Parada obrigatória. É hora de reflexões. Uma constatação nos preocupa. Estamo-nos empobrecendo e o pior talvez seja não termos consciência disso. As reposições, em certos casos, são escassas e muitas vezes impossíveis. Vivemos o estado falimentar do mundo e isso lamentavelmente nos atinge de frente e de forma perceptível. Os valores estão fugindo por entre os nossos dedos como azougue e pela inércia nos encalhamos na superestimação de nós mesmos.

Hoje partem os Woods. Partiram já antes das Ilhas de Cabo Verde e, como lá, aqui também deixam plantada a sua marca: o trabalho feito com honestidade e zelo. Partem certamente com a consciência do dever cumprido. Cabe a nós perguntar se cumprimos com eles o nosso dever também de servos.

Servir foi sempre uma constatação na vida deles. O irmão Wood tinha tanto "medo" de não estar trabalhando que nas suas sextas, quando as tinha, repousava de gravata e sapatos.

A D. Margarida nos dizia que era comum levantar de manhã e achar o marido no escritório trabalhando e não saber se ele havia madrugado ou se emendara a noite com o dia, já que era frequente fazer dias de 48 horas. Cremos que ainda é hábito dele. Perfeccionista incorregível, no mundo dos improvisos em que vivemos, lamentavelmente, ele destoa.

Irmãos Woods, existem placas por aí com o vosso nome, merecidamente. Porém, queremos aqui testemunhar que ficarão nas nossas lembranças e saudades, pelo exemplo no cumprimento da vossa missão como **SERVOS DE DEUS**. □

—FERNANDO DE SÁ NOGUEIRA



## PERGUNTAS

✓ Em alguns escritos de “líderes” da igreja (estudiosos e escritores) tenho lido declarações que nós recebemos o Espírito Santo quando somos salvos. Sinto certa dificuldade com esta ideia.

Como reconciliar Actos 8:14-17 com Actos 19:2-6?

E, por outro lado, se obtemos um pouco do Espírito de Deus, então continuaremos com um pouco da nossa natureza pecaminosa, o que significa que continuaremos a pecar por pensamento, palavra e obra.

Eu creio que a Bíblia é muito clara nestes dois pontos; mas não o será se os nossos líderes continuarem a “sugerir” outra coisa.

✓ Na tradução de J.B. Phillips, em Tiago 5:16, lemos: “Deveis habituar-vos a confessar os pecados uns aos outros, a orar uns pelos outros, para vos curardes das doenças”. E na de Ferreira de Almeida: “Confessai as vossas culpas uns aos outros”. Pode fazer o favor de me explicar isso? Se alguém pecar será necessário, como diz a tradução de Phillips, confessar os pecados a outrem?

## E RESPOSTAS

O Espírito Santo habita em cada crente, como declara Romanos 8:9.

Os nossos “líderes” não só o sugerem mas ensinam-no clara e cuidadosamente; e sempre o têm feito.

O pecado permanece no crente nascido de novo. Isto também tem sido ensinado por todos os ramos da igreja através da história do pensamento cristão. Mas, da premissa de permanecer o pecado, você tirou uma conclusão contrária à doutrina dos nossos “líderes”. Como Wesley explicou: “Onde está a doença, aí está o médico. Realmente Cristo não pode *reinar* onde *reina* o pecado; nem *habitará* onde o pecado é *permitido*. Mas Ele está e habita no coração do crente que *luta contra* todo o pecado; embora ele não esteja ainda purificado”.

O pecado não reina no crente nascido de novo, mas permanece nele até ser inteiramente santificado. A partir do momento da regeneração o crente, na sua luta contra o pecado, depende da habitação do Espírito Santo para conseguir vitória.

Quanto às passagens de Actos 8:14-17 e 19:2-6, que todos os comentadores têm como difíceis, devem ser interpretadas à luz de outras mais claras como Romanos 5:5; 8:9-11; I Coríntios 6:19; 12:3-13; Efésios 1:13; 4:30. Arnold Airhart explica: “A expressão *porque sobre nenhum deles tinha ainda descido* refere-se à plenitude do Espírito que regenera, habita e testifica a quantos estão em Cristo. Mas eles ainda não conheciam o Espírito na plenitude que representava o Pentecostes”.

“Receber” o Espírito Santo, uma prática que se verifica uma dúzia de vezes no Novo Testamento, significa dar-Lhe conscientemente as boas-vindas na Sua plenitude de vida e poder, como aconteceu com os primeiros discípulos no Pentecostes.

O apóstolo Tiago usou uma palavra grega que exprime “pecados”. A confissão é necessária para haver perdão e o perdão para haver cura.

O contexto aponta para exercícios *generalizados* de confissão, oração e fé. Isto não significa que todas as confissões devam ser feitas a toda a igreja. W.T. Purkiser sugere sabiamente que “a área da comissão deve ser a da confissão”.

Pecámos secretamente? Confessemos o nosso pecado Àquele que vê em segredo. Pecámos publicamente? Confessemos o nosso pecado ao público envolvido nele. Não devemos sem necessidade infligir a outros uma injúria com nossas confissões — que seriam, neste caso, egoístas e cruéis.

Usemos o bom senso. Nunca devemos confessar pecado, todo ou parte dele, a um grupo conhecido por falador.

A última frase no versículo 16 fornece também orientação útil. Que a confissão seja feita a alguém que vive bastante perto de Deus para prevalecer em oração. □

# A IGREJA DO NAZARENO MINISTRA AO POVO EM 95 ÁREAS MUNDIAIS

ÁREA MUNDIAL	NOME OFICIAL	ANO DO INÍCIO DO TRABALHO	ÁREA MUNDIAL	NOME OFICIAL	ANO DO INÍCIO DO TRABALHO
AÇORES	TERRITÓRIO AUTÓNOMO DOS AÇORES	1984	IRLANDA	REPÚBLICA DA IRLANDA	1987
ÁFRICA DO SUL	REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL	1933	ISRAEL	ESTADO DE ISRAEL	1921
ALEMANHA	REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ	1958	ITÁLIA	REPÚBLICA ITALIANA	1948
ANTIGUA	ANTIGUA E BARBUDA	1973	JAMAICA	ESTADO DE JAMAICA	1966
ARGENTINA	REPÚBLICA ARGENTINA	1909	JAPÃO	JAPÃO	1905
AUSTRÁLIA	COMUNIDADE DA AUSTRÁLIA	1949	JORDÂNIA	REINO HACHEMITA DA JORDÂNIA	1950
BAHAMAS	COMUNIDADE DAS BAHAMAS	1971	LIBÉRIA	REPÚBLICA DA LIBÉRIA	1990
BARBADOS	ESTADO DE BARBADOS	1926	LÍBANO	REPÚBLICA DO LÍBANO	1950
BELIZE	BELIZE	1934	MALAVI	REPÚBLICA DO MALAVI	1957
BERMUDAS	COLÓNIA DAS ILHAS BERMUDAS	1970	MARTINICA	TERRITÓRIO DE MARTINICA	1976
BOLÍVIA	REPÚBLICA DA BOLÍVIA	1945	MÉXICO	ESTADOS UNIDOS MEXICANOS	1903
BOFUTATSUANA	REPÚBLICA DA BOFUTATSUANA	1965	MOÇAMBIQUE	REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE	1922
BOTSUANA	REPÚBLICA DA BOTSUANA	1984	MIANMAR	UNIÃO DE MIANMAR	1984
BRASIL	REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	1958	NAMÍBIA	NAMÍBIA	1973
CABO VERDE	REPÚBLICA DE CABO VERDE	1901	NICARÁGUA	REPÚBLICA DA NICARÁGUA	1937
CANADÁ	ESTADO DO CANADÁ	1911	NIGÉRIA	REPÚBLICA FEDERAL DA NIGÉRIA	1977
CHILE	REPÚBLICA DO CHILE	1962	NOVA ZELÂNDIA	ESTADO DE NOVA ZELÂNDIA	1952
CHIPRE	REPÚBLICA DE CHIPRE	1985	PANAMÁ	REPÚBLICA DO PANAMÁ	1953
CISKEI	REPÚBLICA DO CISKEI	1983	PAPUA NOVA GUINÉ	ESTADO INDEPENDENTE DE PAPUA NOVA GUINÉ	1955
COLÓMBIA	REPÚBLICA DA COLÓMBIA	1975	PARAGUAI	REPÚBLICA DO PARAGUAI	1980
COREIA	REPÚBLICA DA COREIA	1948	PERU	REPÚBLICA DO PERU	1914
COSTA DO MARFIM	REPÚBLICA DA COSTA DO MARFIM	1987	PORTO RICO	ESTADO LIVRE DE PORTO RICO ASSOCIADO AOS EUA	1944
COSTA RICA	REPÚBLICA DA COSTA RICA	1964	PORTUGAL	REPÚBLICA PORTUGUESA	1973
CUBA	REPÚBLICA DE CUBA	1902	QUÊNIA	REPÚBLICA DO QUÊNIA	1984
DINAMARCA	REINO DA DINAMARCA	1960	REPÚBLICA DOMINICANA	REPÚBLICA DOMINICANA	1974
DOMINICA	COMUNIDADE DE DOMINICA	1974	RUANDA	REPÚBLICA RUANDESA	1990
EGITO	REPÚBLICA ÁRABE DO EGITO	1986	SAMOA	ESTADO INDEPENDENTE DE SAMOA OCIDENTAL	1960
EL SALVADOR	REPÚBLICA DE EL SALVADOR	1964	SANTA LÚCIA	ESTADO DE SANTA LÚCIA	1972
EQUADOR	REPÚBLICA DO EQUADOR	1972	SENEGAL	REPÚBLICA DO SENEGAL	1988
ESPAÑA	REINO DA ESPANHA	1981	SUAZILÂNDIA	REINO DA SUAZILÂNDIA	1910
ESTADOS UNIDOS	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	1908	SUIÇA	CONFEDERAÇÃO HELVÉTICA	1978
FILIPINAS	REPÚBLICA DAS FILIPINAS	1946	SURINAME	REPÚBLICA DE SURINAME	1984
FORMOSA (TAIWAN)	REPÚBLICA DA CHINA	1956	SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS	SÃO CRISTÓVÃO E NEVIS	1983
FRANÇA	REPÚBLICA FRANCESA	1977	SÃO VICENTE	SÃO VICENTE E GRANADINAS	1975
GANÁ	REPÚBLICA DE GANÁ	1990	SÍRIA	REPÚBLICA ÁRABE DA SÍRIA	1920
GRANADA	ESTADO DE GRANADA	1977	TAILÂNDIA	REINO DA TAILÂNDIA	1989
GUADALUPE	TERRITÓRIO DE GUADALUPE	1986	TANZÂNIA	REPÚBLICA UNIDA DA TANZÂNIA	1990
GUAM	TERRITÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS DE GUAM	1971	TRANSKEI	REPÚBLICA DO TRANSKEI	1989
GUATEMALA	REPÚBLICA DA GUATEMALA	1904	TRINIDAD	REPÚBLICA DE TRINIDAD E TOBAGO	1926
GUIANA	REPÚBLICA DA GUIANA	1946	UGANDA	REPÚBLICA DA UGANDA	1988
GUIANA FRANCESA	TERRITÓRIO DA GUIANA FRANCESA	1988	URUGUAI	REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI	1949
HAITI	REPÚBLICA DO HAITI	1950	VENDA	REPÚBLICA DE VENDA	1972
HOLANDA	REINO DOS PAISES BAIXOS	1967	VENEZUELA	REPÚBLICA DA VENEZUELA	1982
HONDURAS	REPÚBLICA DAS HONDURAS	1970	ZAIRE	REPÚBLICA DO ZAIRE	1990
HONG-KONG	COLÓNIA INGLESA DE HONG KONG	1974	ZÂMBIA	REPÚBLICA DE ZÂMBIA	1961
ILHAS BRITÂNICAS	REINO UNIDO DA GRÃ BRETAGNA E DA IRLANDA DO NORTE	1909	ZIMBÁBUE	REPÚBLICA DO ZIMBÁBUE	1963
ILHAS VIRGENS	ILHAS VIRGENS AMERICANAS	1944			
ÍNDIA	REPÚBLICA DA ÍNDIA	1898			
INDONÉSIA	REPÚBLICA DA INDONÉSIA	1973			



**PORTUGAL**  
**—DEDICAÇÃO DO TEMPLO**  
**DE CASAL NOVO**

Por fim chegou o dia D para o povo nazareno de Casal Novo — Caneças. O sábado 13 de Outubro de 1990 começou chuvoso. Várias equipas de Trabalho e Testemunho dos E.U.A. tinham trabalhado para que o santuário estivesse pronto nesta data. Electricistas, colocadores de alcatifa, carpinteiros, pintores, todos deram o melhor de seus esforços e no espaço de duas semanas o complexo de paredes tinha-se transformado num lindo local de adoração a Deus.

Não havia bancos na igreja, mas a Câmara de Sintra emprestou amavelmente 150 cadeiras para a realização do culto de dedicação. Os últimos retoques foram dados no sábado de manhã: as flores, a mesa dos recepcionistas e sobretudo preparações para acolher pessoas num dia de chuva. Colocaram-se sinais em pontos estratégicos da área que indicavam o caminho para as novas instalações. E foi assim que para surpresa de alguns, a despeito da forte chuva que caiu naquela tarde, grupos da maioria das Igrejas do Nazareno à volta do país, pessoas envolvidas na construção, especialmente representantes das equipas de Trabalho e Testemunho e pessoas do Bairro foram chegando. E apesar da chuva e dos caminhos tortuosos e lamacentos, cerca de 200 pessoas estiveram presentes para a celebração — a Dedicação do Templo da Igreja de Casal Novo. A cave e a residência pastoral serão concluídas posteriormente.

No culto houve alegria no Senhor expressa em cânticos, jogral, leitura bíblica e, sobretudo, na aceitação da mensagem de dedicação dada pelo Dr. Eugene Stowe. Foram homenageados todos os que contribuíram para a concretização deste sonho situado no alto do monte, em especial o casal Urwiller que nos honrou com a sua presença e a irmã Loretta Sherwood, que se tem dado e sacrificado pelo povo e igreja de Casal Novo.

A celebração marcou o início de outra etapa para esta igreja local que, semelhante ao grão de mostarda, enfrenta um grande desafio — o de alcançar o povo do Bairro Casal Novo e ir para além deste com a mensagem da vida abundante e completa em Cristo Jesus (Mateus 13:31-32). □

—RAQUEL A. ESPINHAL PEREIRA

— FOTOS:

1. O novo edifício, nesta foto em fase de conclusão, inclui o santuário e a residência pastoral.
2. O superintendente geral, Dr. Eugene Stowe (à direita), profere a mensagem inaugural, tendo por intérprete o Rev. Duane Srader, director da Missão.
3. Foram homenageados com placas o Sr. e Sra. Urwiller e a irmã Loretta Sherwood, pelo seu generoso contributo ao novo templo e trabalho.
4. Parte da congregação no santuário onde ainda faltavam bancos.
5. A família pastoral: (da esq.p. a dir.) D. Raquel Pereira, Priscila e Rev. João P. Pereira.

**ENRIQUEÇA  
A SUA VIDA  
com a leitura de  
O ARAUTO  
DA SANTIDADE**



- INFORMA
- INSTRUI
- INSPIRA

Assinatura anual-US\$4.00  
peça já a sua revista favorita!  
**CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**  
ou suas Representantes

